

Talitta Tatiane Martins Freitas

Organizadora

Experiências paradigmáticas

o potencial uso de linguagens artísticas
para o ensino de História Moderna





Talitta Tatiane Martins Freitas
(Organizadora)

Experiências paradidáticas

o potencial uso de linguagens artísticas para o
ensino de História Moderna



Rondonópolis - MT
2023





Copyright © 2023 – Talitta Tatiane Martins Freitas
Direitos de Publicação reservados por Talitta Freitas
www.podcastconexos.comr
podcast.conexos@gmail.com

Comissão Técnica

Talitta Tatiane Martins Freitas – Editoração Eletrônica

Talitta Tatiane Martins Freitas – Revisão Técnica

Talitta Tatiane Martins Freitas – Produção de Arte Gráfica e Capa

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico

Todos os direitos. A obra poderá ser reproduzida, desde que sejam atribuídos os direitos de autoria.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)



Experiências Paradidáticas: o potencial uso de linguagens artísticas para o ensino de História Moderna

[org.] Talitta Tatiane Martins Freitas

Rondonópolis: [S.l], 2023.

ISBN: 978-65-00-79851-7

1. História. 2. Linguagens artísticas. 3. Paradidático

I. Freitas, Talitta Tatiane Martins; I. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. História: linguagens artísticas

Produzido no Brasil





SUMÁRIO

Apresentação

Talitta Tatiane Martins Freitas

Hieronymus Bosch: Uma Análise sobre *A Extração da Pedra da Loucura*

Beatriz Dota Fernandes

Edson de Barros Santos

João Vitor Oliveira Silva

Joabe Teixeira de Oliveira Júnior

As obras de Rafael Sanzio pelo olhar de Harmonia Rosales e Kehinde Wylei: pensando o epistemicídio e a prática pedagógica antirracista no ensino de História

Vânia Maria dos Santos



A era vitoriana pelas lentes do filme *A noiva cadáver*



Linsker Marim

***Romeu e Julieta*: uma proposta pedagógica**

Letícia Maria dos Santos Firmino

Valéria Cardoso Correia

Yalles Moraes da Silva

A arte de governar: *Elizabeth I* pelo olhar de Maquiavel

Flavia Peres Ramalho

Natasha da Silva Fernandes

Possibilidades de usos pedagógicos do filme *Rainha Margot*

Luiz Felipe Silva Gischewski

Márcio Dias Amaro





Sandra da Silva Melo Cezimbra

**A Revolução Francesa em formato RPG: uma proposta
de gamificação da História**

Acassio de Souza Costa

Higor Andrade Fontoura

Tiago Sousa Loiola

Wellington Ferbônio da Silva





Apresentação

Este livro é o resultado dos caminhos trilhados por diferentes estudantes da disciplina História Moderna, do curso de História da Universidade Federal de Rondonópolis, que embarcaram no desafio de produzir materiais paradidáticos que pudessem auxiliar docentes da educação no uso de diferentes linguagens artísticas em suas aulas. Trata-se, portanto, de reflexões produzidas por licenciandos em formação que, entre os anos de 2018 e 2021, buscaram desenvolver trabalhos que apontassem o potencial uso do cinema, de jogos e de obras pictóricas em salas de aula da educação básica.

A experiência, produzida ao longo de vários semestres, possibilitou não apenas a formação dos(as) futuros(as) docentes sobre linguagens artísticas, mas também o uso da criatividade associada ao rigor científico. A cada nova turma, mudou-se o objeto artístico trabalhado, ampliando-se dessa forma a gama de linguagens abordadas e a necessidade de se associar tal formação aos conteúdos específicos da disciplina.

Evidentemente, essa não é uma tarefa fácil, especialmente em um sistema de ensino que prioriza a inteligência cognitiva em detrimento da inteligência criativa. Entretanto, é satisfatório perceber a maneira como cada texto adquiriu uma roupagem única, mostrando um pouco da personalidade dos seus autores. Para a elaboração desta coletânea, optou-se pela manutenção dos textos originais tais como foram elaborados pelos(as) discentes para a disciplina de História Moderna, com o objetivo de evidenciar que se trata de materiais pensados por graduandos em processo de formação. Infelizmente, durante o processo de mudanças de sistemas eletrônicos, boa parte





dos textos não pode ser recuperada. No entanto, a seleção aqui apresentada evidencia o potencial e criatividade dessa atividade pedagógica.

Espero que essa experiência possa inspirar docentes de diferentes instituições de ensino a embarcarem no potencial uso das linguagens artísticas em sala de aula, não apenas como uma forma de tornar suas aulas mais “divertidas”, mas especialmente como forma de instigar novas formas de ler o mundo.

Boa leitura!

Talitta Tatiane Martins Freitas

2023





Hieronymus Bosch: Uma Análise sobre ‘A Extração da Pedra da Loucura’

Beatriz Dota Fernandes¹

Edson de Barros Santos²

João Vitor Oliveira Silva³

Joabe Teixeira de Oliveira Júnior⁴

*Tornei-me insano, com longos intervalos de uma horrível
sanidade.*

Edgar Allan Poe



Introdução

O presente capítulo propõe uma análise da obra de Hieronymus Bosch - A Extração da Pedra da Loucura - pintura que, sobre-

1 Graduada em História pela Universidade Federal de Rondónópolis.

2 Graduado em História pela Universidade Federal de Rondónópolis.

3 Graduado em História pela Universidade Federal de Rondónópolis.

4 Graduando em História pela Universidade Federal de Rondónópolis.





tudo, retrata e critica a mentalidade medieval presente na sociedade a qual Bosch está inserido. Com o apoio de uma ficha técnica, são apresentados alguns dados referentes à pintura. É de nosso interesse, também, elucidar o contexto histórico de Hieronymus Bosch, ao passo que é coerente retratar o contexto social do artista. O material segue uma linha para, de igual modo, discutir a pintura como uma proposta de ensino para o nível básico, ou seja, apontar alguns caminhos possíveis para o professor em sala de aula.

Em um primeiro momento, o trabalho desenvolve a análise da obra “A Extração da Pedra da Loucura”, sendo apresentado as nossas impressões a respeito da pintura. Nela, estão retratados quatro personagens - um médico, um frade, uma freira e um homem - estes abordam simbolismos e personalidades do medievo que Hieronymus Bosch retrata comicadamente. Esse cotidiano, presente na obra, traduz tanto a vida do medievo (Europa século XV), quanto o perfil artístico de Hieronymus Bosch, aspectos em questão apresentados no decorrer do trabalho. Utilizamos do apoio de diversos autores para melhor desenvolver a análise do material, o que não deve limitar a atuação do professor e dos estudantes no exercício da interpretação, mas antes, oferecer um direcionamento.

O contexto social do pintor Hieronymus Bosch é outro ponto relevante. Bosch viveu numa pequena cidade de s-Hertogenbosch na Europa do século XV que se encontrava em uma difícil posição que de lado enfrentava tensões religiosas e de outro observava o desenvolvimento do Renascimento urbano e cultural o que apontava para uma mudança significativa da ordem feudal vigente. Ao tomar como base trabalhos voltados ao tema “loucura”, propomos uma discussão do mesmo sobre o contexto social de Hieronymus Bosch, e até mesmo anterior a ele. Em virtude de seus significados ao longo da história, é possível compreender alguns aspectos que permeiam o período, inclusive presentes na obra *A Extração da Pedra da Loucura*.

Por fim, com o apoio de outros autores, apresentamos uma su-





gestão de atividade para ser desenvolvida em sala de aula. Tal material, servirá de incentivo ao professor que pretenda abordar a Europa do século XV através da arte, usando as telas de Hieronymus Bosch, além de incentivar a utilização da arte – pintura, música, dança, es-cultura, entre outros – como recurso didático e histórico.

Figura 1: A Extração da Pedra da Loucura



Disponível em: [Pin de Asun L. en Insanity | Hieronymus bosch, Hieronymus bosch, Museo nacional del Prado \(pinterest.com\)](#)





Ficha técnica

Autor: Bosch, Hieronymus

Título: A Extração da Pedra da Loucura

Data: 1501- 1505

Técnica: Óleo Dimensões: altura: 48.5 cm largura: 34.5 cm

Proveniência: Filipe da Borgonha, bispo de Utrecht, castelo de Duurstede (Utrecht), antes de 1524; vendido em Utrecht, julho de 1527; Coleção real espanhola, propriedade de Filipe V, na Quinta del Duque de Arco, propriedade da Coroa Espanhola, anterior a 1745; Coleção real espanhola, propriedade de Carlos III, na Quinta del Duque de Arco, propriedade da Coroa Espanhola, em 1794; no Museu do Prado desde 1839.



Inscrições: MeeSter Snyt die keye kas. Inscrição conceitual, em caracteres góticos ornamentais dourados. Delevoy traduz: Mestre, opere-me imediatamente. Myne name Is lubbert das. Inscrição conceitual, em caracteres góticos ornamentais dourados. Elevoy traduz: Meu nome é Lubbet Das.



Análise

Produzido por Hieronymus Bosch, a obra *A Extração da Pedra da Loucura* é considerada, segundo Bosing (1991) um dos primeiros trabalhos originais conhecidos de Bosch. No cenário da obra é realizado um procedimento cirúrgico com o objetivo de extrair uma pedra da cabeça de um paciente, no entanto, para espanto do espectador, o que sai da cabeça do paciente é uma flor e não uma pedra como sugerido no título, gerando um cenário cômico por haver uma quebra de expectativa.





A obra de Hieronymus Bosch de pequena dimensão (48 X 45 cm) tem, em seu centro, quatro personagens: um médico, um frade, uma freira e um homem - denominado como - *Lubber Das* - o cenário se passa em um campo aberto, com algumas colinas e árvores ao fundo, sendo, possivelmente, a cidade de s-Hertogenbosch, onde Bosch viveu. *A Extração da Pedra da Loucura* é considerada a primeira fase de Hieronymus Bosch, o Período de Juventude. De acordo com os trabalhos de Loubet e a análise de Silva acrescenta-se que:

Para Loubet (2013), às obras do Período de Juventude refletem uma crítica humanista à sociedade na qual Bosch vivia. Acrescenta o autor que, de forma irônica, o artista tomava como tema, para compor suas narrativas imagéticas, provérbios populares e religiosos, recursos que tornavam sua obra mais acessível ao espectador. (Loubet, 2013, apud Silva, 2015, p. 32.)



À esquerda da tela está o cirurgião, usando uma longa vestimenta de tom rosado e portando em sua cintura uma espécie de cinto preto que segura um jarro de barro. Além disso, usa uma espécie de manto preto que cobre a cabeça e os ombros e, em sua mão, porta uma ferramenta, provavelmente de uso médico que manipula a cabeça do paciente. O que chama a atenção é que o dito cirurgião possui em sua cabeça uma espécie de funil, que denota estupidez, como um “chapéu de burro”.



O objeto em questão é um utensílio cônico que é usado para transferir um líquido ou uma substância em pó de um reservatório maior para um outro recipiente menor. No entanto, na cena representada, o funil na cabeça do cirurgião está ao contrário, o que não permite que o objeto cumpra a sua função, simbolizando uma inversão de valores, como se o cirurgião não estivesse apto para uma boa “captação” do conhecimento. O canal por onde esse conhecimento deveria passar, é estreito demais. O personagem manuseou o objeto da maneira como lhe era apropriado (uma vez que a parte estreita





não teria como equilibrar em sua cabeça, já a parte larga encaixa-se perfeitamente), não como esse instrumento deveria ser utilizado em sua essência. Como se a mente do personagem fosse muito estreita para empreender um conhecimento mais amplo, o que limita a sua prática de reflexão e, por que não dizer, ação. Nesse sentido, a operação é uma tentativa de ciência que não servia ao bem estar das pessoas, ou seja, trata-se de um procedimento sem qualquer validação.

Já o outro personagem, o frade, está ao lado do paciente no cenário e possui a vestimenta tradicional de um religioso. Usa uma batina preta e em sua mão porta uma espécie de jarro, esse mais trabalhado e ornamentado, provavelmente de algum material de metal. O frade está em uma posição de consentimento e seu corpo se encontra apoiado à mesa, de frente para a cirurgia e o paciente, suas mãos levantadas indicam aprovação à cena e, portanto, há um indicativo da concordância, ou no mínimo, de passividade (uma vez que o personagem não parece estar interferindo na operação, de modo a impedi-la) da igreja frente às práticas néscias de falsos intelectuais.



A freira vista à direita da composição da obra, veste um longo hábito religioso acinzentado e, em sua cabeça, um véu branco recai até a altura do ombro e se estende para o antebraço. A religiosa, diante da cirurgia, apresenta desanimado interesse, em sua linguagem corporal, ela se apoia a mesa com uma expressão de tédio em seu rosto que repousa em sua mão, enquanto o procedimento cirúrgico segue. Seu olhar parece distante, talvez nem mesmo olhando para o procedimento. Nota-se que a religiosa possui um livro em cima de sua cabeça, sendo que este encontra-se fechado e longe do alcance de suas mãos. Considerando o contexto de privação do conhecimento na Idade Média europeia, que se concentrava nas mãos do clero, a personagem pode representar o conhecimento que a igreja detinha, mas que não utilizava, negligenciando assuntos que não fossem do interesse dela. Outra possibilidade é que o livro fechado, sem nome e na cabeça, pode ser interpretado como os pensamentos dela e como





não há possibilidade de saber quais são, o que adiciona mais elementos para que se possa perceber o distanciamento da personagem com o contexto.

O paciente está centralizado na tela e encontra-se sentado em uma cadeira marrom. O homem usa um par de sapatos pretos que acompanha uma calça vermelha e veste uma camiseta branca que possui alguns ornamentos azuis e dourados, sendo ele, provavelmente, um nobre. Ele tem uma expressão genuína de sofrimento e é o único que olha para o espectador. Como já adiantado no primeiro parágrafo, a despeito do título da obra, ocorre um fenômeno de quebra de expectativa ao vermos uma flor saindo da incisão na cabeça do personagem ao invés de uma pedra.

A cirurgia em questão, trata-se de um procedimento em que, em teoria, deveria extrair-se uma pedra da cabeça de um enfermo que supostamente sofria de insanidade. Era uma prática medieval que convergia com a mentalidade de agentes externos, sobretudo sobrenaturais, que atuavam sobre a matéria. Como aponta MATIAS (2015):

A Idade Média ocidental parece conservar, sobretudo, a ideia de que a doença física ou mental, bem como a moral, é resultante de perturbações exteriores, provocada por agentes - muitas vezes até sob formas materiais - pertencentes ao mundo sobrenatural que podem ser benéficos ou maléficos. (p.18)

Desse modo, a compreensão do motivo da postura do frade torna-se mais evidente, uma vez que a fé parece dar respaldo à essa prática. Bosch parece ironizar todo o procedimento, usando-o para criticar a mentalidade por trás do mesmo. A flor que brota da cabeça do homem, é como uma mensagem de que talvez o que era visto como maligno, pode ser carregado de beleza de alguma forma. Ou no mínimo, ela ri-se de seus observadores, fazendo papel de uma





personagem peralta surpresa em uma peça shakespeariana.

Existem uma série de interpretações possíveis das intenções de Bosch ao pintar essa obra. Seria o nobre uma vítima dos dois poderes representados (se entendermos o conhecimento enquanto poder ou instrumento de poder)? Podemos assumir que Bosch colocou todos os personagens em um mesmo papel de bobos? Quem é o verdadeiro louco da cena? A loucura é como uma flor que brota no solo fértil da imaginação ou perversidade humana? Seria a ciência, cada vez mais em evidência, e a Igreja, as responsáveis por minar a beleza do onírico, simbolizada pela flor no interior do ser humano? Todos os conflitos, guerras e desgraças que Bosch presenciou no contexto político e social que estava inserido, até mesmos os anteriores a ele, teriam decorrido dessa violência? A única coisa que podemos ter certeza é que a genialidade da obra mora nessa característica de deixar várias interpretações que nos levam a outros conhecimentos, indagações, que não necessitam chegar à uma resposta acabada, mas que nesse exercício de questionamento, somos levados às reflexões que não dizem respeito só ao período do Renascimento. Quantas vezes, no nosso período atual, no nosso país, tão distante do contexto de Bosch, nos deparamos com inverdades e manipulações por parte dos poderes vigentes, sejam eles por religiosos, políticos e científicos?

O primordial é que nossa intenção, por fim, é que tanto os docentes quanto os discentes que forem utilizar esse material, percebam que *A Extração da Pedra da Loucura* não fica restrita apenas ao contexto do século XV. O quadro não ficou pronto no momento em que Bosch deu sua última pincelada. Ele é continuamente reescrito e reelaborado no exercício da interação entre expectador e a obra, em tempos diferentes e lugares diferentes, seus sentidos se ampliam e se ressignificam. Desse modo, em sua multiplicidade de significados, ele se immortaliza.





Contexto Histórico

A Europa no século XV estava marcada por tensões religiosas e pelo desenvolvimento crescente do Renascimento Urbano e Comercial, onde velhos e novos problemas indicavam que a ordem feudal já não possuía mais condições necessárias para resolver. Somados também ao fortalecimento da autoridade real e o crescente, porém, ainda pequeno poder político da burguesia, o final do século já trazia várias manifestações da “modernidade”, que por fim, acabavam influenciando a produção artística do período.

É dentro desse contexto que Hieronymus Bosch nasce, por volta de 1450, na então pequena cidade de 's-Hertogenbosch, localizada na região dos Países Baixos, e é especulado que o início de sua carreira como pintor, tenha começado por volta de 1470. A ascensão de Felipe I ao trono espanhol em 1482, proporcionou uma estabilidade política nas regiões dos Países Baixos, possibilitando o desenvolvimento da economia, que por fim, influenciava o contato e a produção artística. Entretanto, sua cidade natal não fazia parte dos grandes centros de produção e circulação de arte da região e tampouco possuía uma escola de pintura digna de renome, o que provocou uma menor influência das outras correntes artísticas modernas na produção artística local, que deste modo, conservou a tradição da técnica pictórica:

Bosch provou que as tradições e realizações da pintura que tinham sido desenvolvidas para representar a realidade do modo mais convincente podiam, por assim dizer, ser invertidas para darem-nos uma imagem igualmente plausível de coisas que nenhum olho humano jamais vira. Bosch ficou famoso por suas aterradoras representações das forças do mal. (GOMBRICH, 2000, p. 274-275)

Um dos grandes atrativos de Bosch foi a sua utilização de temas intimamente ligados ao imaginário medieval, e que, somados





a uma excepcional inovação e audácia, eram preservados dentro de um ambiente rústico da província do que nas grandes cidades já impregnadas com um certo espírito “moderno” do Renascimento. A respeito disso, Gombrich (2000, p. 275) comenta que: “Pela primeira e talvez única vez, um artista conseguiu dar forma concreta e tangível aos medos que obcecavam o espírito dos homens na Idade Média.”

A atmosfera do cotidiano de ‘s-Hertogenbosch é uma frequente nas obras de Bosch, assim como a presença constante da religiosidade é um dos temas centrais de seus quadros. A obra em questão, *A Extração da Pedra da Loucura*, traz consigo diversos simbolismos, demonstrando o lado cômico do autor, que critica aqueles que usavam do falso conhecimento científico para enganar as pessoas que não tinham compreensão disso, como também aos falsos religiosos que acompanham e abençoam tais ações, dando legitimidade à farsa.

Essa crítica direcionada às farsas cometidas pela Igreja faz parte das inquietações sociais do período que já preparavam o terreno para a crise do catolicismo no século XVI. Tais desdobramentos sociais tem início na Crise do Século XIV na Europa, onde o desenvolvimento tecnológico proporcionou uma maior letalidade nas guerras, somado à chegada da Peste Negra e sua rápida proliferação devido as más condições higiênicas, significou a morte de milhões de pessoas e provocou um enorme desordenamento no processo produtivo da época.

Como consequência desse processo, a população buscava respostas para suas angustias religiosas, já que a Igreja Católica pouco pode fazer para salvá-la durante os períodos de guerras, de pestes e de fome. É dentro desse contexto que o poder e o papel da Igreja Católica passam a ser cada vez mais afrontada durante o século XV, gerando toda uma tensão religiosa que vai, por um lado, desencadear revoltas como a Revolução Hussita, e por outro, proporcionar o crescimento e difusão de outras concepções e interpretações filosóficas e religiosas, como o humanismo.





A Loucura no Contexto do Final da Idade Média

Dentre as maiores referências na investigação da trajetória da(s) percepção(ões) sobre a loucura, sem sombra de dúvidas, a que mais se destaca é Michel Foucault (1926-1984). Intelectual francês, um dos maiores precursores da corrente teórica do pós-modernismo, seu mosaico de interesse contava - entre outras - com a filosofia, crítica literária e história. Sua obra *História da Loucura* (1961) é uma das mais discutidas do seu repertório de produção intelectual, e é a que nos auxiliará nessa investigação, à luz de outros estudiosos que contribuíram com suas próprias investigações sobre a obra e sua temática.

Para começar, é importante lembrar que Foucault foi um crítico categórico do discurso psiquiátrico sobre transtornos mentais e, para demonstrar as inconsistências de tal discurso, foi além da investigação dos trâmites metodológicos da ciência médica. Antes:



O texto foucaultiano aceitou percorrer todos os saberes sobre a loucura, científicos ou não, extrapolando, assim, os limites da disciplina psiquiátrica e terminando por mostrar que a própria psiquiatria é uma ciência recente, bem como o estatuto da loucura como doença mental e, dessa forma, justificou o enfoque arqueológico na diferenciação entre uma história da psiquiatria e uma história da loucura, enquanto história de um dado saber. (MURASHIMA, 2005)



Com essa informação em mãos, estamos enfim mais preparados para embarcarmos para a jornada pretendida.

Nas águas do tempo, entre imagens e livros

Embora a história da loucura seja, com razão, vista como uma história de silenciamento e exclusão, sua concepção e os tratamentos





empregados variaram muito conforme a passagem do tempo. Haja visto que o recorte temporal seja o período do Renascimento, é interessante lembrar que este suscitou uma série de questionamentos sobre a religião - tão absoluta e soberana no medievo - e um interesse crescente pela ciência em torno dos interesses antropocêntricos.

Para que fique claro esse contraste de ideias dentro da temática da loucura, é necessário mencionar que o pensamento religioso vigente até então relacionava as manifestações de insanidade com a inocência e pureza quase infantil de quem se aproxima de Deus. (MATIAS, 2015) Principalmente nas manifestações artísticas (destaque para a pintura e o teatro), a melancolia e os delírios foram, por vezes, insinuados como virtudes.⁵

De acordo com a leitura de PRADO (2016) do texto foucaultiano, o lugar da exclusão no período medieval era ocupado, sobretudo, por leprosos. Existia aí uma visão mística sobre a prática. O papel do isolamento entre as demais pessoas e o doente, seria que este pudesse ter a chance de ser “excluído do reino dos filhos de Deus ao mesmo tempo em que depura a humanidade e sua própria alma pagando na sua carne terrena os pecados.” (PRADO. p.226). Entretanto, com os ares da mudança de era - em especial pelo fim das Cruzadas -, houve uma redução substancial de infecções por lepra. Ainda segundo o autor, esse lugar de solidão involuntária passou a ser ocupado pelos considerados insanos.

Para Foucault, há diferenças fundamentais entre o que os ar-

5 Uma obra contemporânea que demonstra com muita leveza essa concepção é o filme italiano Lazzaro Felice (2018). Ainda que a narrativa se passe na contemporaneidade, é válida a reflexão em torno do protagonista inocente, de traços infantis e de “pouca inteligência” (palavras da sinopse) que carrega um nome bíblico tão permeado de significado, vivenciando experiências sobrenaturais em um contexto de exploração.





tistas renascentistas - que são particularmente interessantes a este material - e o que a literatura filosófica e moral entendiam e expressavam como loucura. Sobre os primeiros, chamou de “experiência trágica”, a segunda, “consciência crítica” (MURASHIMA, 2005). Começamos pela segunda.

Erasmus de Roterdã (1466-1536) e Sebastian Brant (1457-1521) foram grandes representantes desse movimento de intelectuais e poetas que deram algum lugar à loucura em suas obras. A abordagem, conforme o nome dado acima, era de cunho crítico e moral, até mesmo satírico - destaque especial a Brant pelo poema *A nau dos insensatos* (*Das Narrenschiff*), de 1494. Os insanos eram entendidos símbolos de uma degradação sofrida pela distância da razão - esta sim, pura e sóbria. Os seus males não nasciam da experiência sobrenatural de contato com o divino, tampouco era uma punição com fins expiatórios; antes, eram tão somente “o resultado dos erros dos homens”, com suas “ciências desregradas e inúteis” suscitadas por “falsos doutores e seus saberes ilusórios” (p.89). Entendemos então que “No âmago da experiência literária, Foucault afirma [...] que a loucura não está ligada às profundezas do mundo e a seus segredos, mas às fraquezas e ilusões humanas.” (p. 89).

No campo das artes, por outro lado, o interesse estava no onírico, no cósmico, fantástico, trágico. Não limitando-se ao rígido exercício didático da defesa da moral, o artista renascentista encontrava inspiração na nau dos insensatos para dar vazão a uma visão profunda sobre o que não é tangível aos sentidos.

A mencionada embarcação não era, no entanto, puramente mitológica. Usado como uma ferramenta de exclusão dos doentes mentais, a chamada *Nau dos loucos* (*Narrenschiff*) é um bom exemplo dessas práticas de marginalização. Errantemente, “[...] esses barcos [...] levavam sua carga insana de uma cidade para outra.” (FOUCAULT, 1978. P.13). O próprio Bosch retratou essa embarcação, que é tão real aos nossos sentidos – ou melhor, aos sentidos do europeu





renascentista – quanto acessível ao plano sutil em perceber esses “navios altamente simbólicos de insanos em busca da razão” (FOUCAULT, 1978. P.15).

La Nef des fous e a jornada do louco

Como dito acima, *A Extração da Pedra da Loucura* não foi a única obra de Bosch a tratar sobre a insanidade. *A Nau dos Loucos* (*La Nef des fous*, 1503- 1504) é também uma peça notável na investigação do assunto. Não cabe aqui uma análise aprofundada da obra, uma vez que nosso foco está em outra pintura de sua autoria; mas, antes, usaremos alguns elementos dela como porta de entrada para a compreensão do insano como criatura errante, andarilho da imensa extensão recheada de possibilidades do espaço-entre.

Na composição da pintura, religiosos, pessoas comuns e um bobo da corte ocupam o mesmo espaço, em uma caótica harmonia. Uma árvore serve como mastro, aludindo à árvore do conhecimento do paraíso de Adão e Eva. O bobo - que, por muitas vezes, encarnou a figura do louco em representações artísticas - parece quase alheio à cena, como se estivesse acima da loucura de seus colegas de embarcação, uma minúcia bastante irônica que parece dizer que esse personagem é o mais são dentre os outros.





La Nef des fous (1490-1500). Óleo sobre madeira, 56,8x32,5cm, Paris, Musée National du Louvre.

A imagem do louco como viajante e bufão foi eternizada também na primeiríssima carta dos arcanos maiores⁶ do Tarô. Na ilus-

6 Conjunto de setenta e oito cartas, ou lâminas, que deram origem ao nosso baralho comum. São divididas entre vinte e dois arcanos maiores e cinquenta e seis arcanos menores. Os últimos são ainda divididos entre naipes (espadas, ouros, copas e paus) e figuras reais (rei, rainha, pagem e cavaleiro). Com sua diversidade de símbolos arquetípicos da vida humana, são comumente usados para práticas de adivinhação; nos dias atuais, há profissionais que a utilizam para fins terapêuticos também. Suas figuras são ressignificadas ao longo do tempo por artistas diferentes, sendo que hoje há uma infinidade de modelos de baralho de tarô; ainda que a mais popular



tração, O Louco é uma figura amigável e despreocupada. Trajando roupas coloridas, sua postura é de quem se lança à estrada com coragem e uma certa ingenuidade. Atrás de si, um cãozinho o segue puxando suas roupas - possivelmente rasgando-as - mas nem isso o tira do foco de sua trilha. Sua bagagem é singela: nada mais que uma trouxa que leva amarrada à uma vara. Não precisa de muito, confia que o sustento de suas necessidades será provido pelo caminho.



O Louco. Tarô de Marselha.

seja a de Rider Waite (já no século XX). É difícil rastrear a sua origem, uma vez que há registros desde a Idade Média, mas é possível constatar que a popularidade do sistema de Marselha espalhou-se no século XVIII





Em um jogo de tarô com fins divinatórios, o aparecimento d'O Louco pode representar uma possibilidade de uma nova jornada, um caminho a ser desbravado com confiança, uma vez que até mesmo o seu número (o zero) simboliza um vazio. Não como um espaço (ou não-espaço) desolador e desprovido de significado, mas um universo inteiro de possibilidades e de poder criativo. Como uma folha em branco esperando para ser transformada em uma obra de arte.

Nichols (1988), uma das maiores referências em análise simbólica do tarô, afirma que “O Louco é um andarilho, enérgico, ubíquo e imortal. É o mais poderoso de todos os Trunfos do Tarô. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando não raro, a ordem estabelecida com suas travessuras.” (p.35) Em um trecho em que cita a *A Nau dos Loucos*, de Bosch, Prado tem uma visão não muito distante da definição da autora:

Assim, como jocker, bufão ou bobo da corte, o louco é portador de uma valiosa interpretação de mundo precisamente porque habita os confins da experiência humana. Situado em seu lugar limite, nos umbrais do vivível, ele pode observar além do que vê o homem comum. [...] Mais curioso ainda é o fato de que a mesma cultura que exclui o louco desatinado, o coloca sob esta condição especialmente itinerante na qual, circulando como vagabundo ou peregrino por terras e mares, parece se reconhecer neles a necessidade demasiado humana da busca de sentido. (p. 228)

É interessante observar essa nuance do personagem do louco enquanto um peregrino destemido, pois, de certo modo, essa noção é perceptível ainda nos dias atuais. Nos é comum rotular uma atitude impulsiva ou controversa como “loucura”, e seus autores, por sua vez, como “loucos”; ainda que a pessoa não aparente qualquer sinal de um quadro clínico de insanidade. Não raro, essa definição vem acompanhada de uma outra: genialidade. As artes - inclusive as mais contemporâneas, como os filmes - estão recheadas de exemplos de





personagens que categorizam o gênero do “gênio louco”, personagens estes em sua maioria cativantes e exóticos que, diversas vezes, cumprem na história o papel de oferecer alguma sabedoria inesperada ao herói da trama - como no caso do Chapeleiro Maluco e o gato de Alice No País das Maravilhas. Mesmo quando representam um problema para o protagonista, exemplo do controverso Coringa (que carrega consigo o simbolismo d’O Louco do tarô), são importantes no enredo para a superação que o herói precisa enfrentar, corroboram para o desenvolvimento do mesmo; no caso do Coringa, apesar de ser o vilão, é tão popular e querido entre o público quanto o próprio herói Batman. De um certo modo, os dois conceitos - loucura e genialidade - carregam a característica em comum de estarem em oposição ao roteiro monótono e inflexível da “normalidade”. Talvez despertam tanto interesse por serem um caminho para a superação do tédio do cotidiano “comum”. Pela angústia interna de alçar um degrau acima do mundo terreno.



Para além dos quadros e da literatura



Da condição de santos; passando por exilados; para a condição de personagens populares, o louco ainda é um símbolo, um arquétipo no imaginário humano. Desperta interesse, curiosidade, medo e - por que não - identificação. Suas atitudes imprevisíveis são alívio cômico nas peças teatrais. Suas experiências de viajante oferecem conselhos válidos nos livros e filmes. Sua presença nas cartas lembra-nos de sermos flexíveis e nos lançarmos a novas aventuras.

No entanto, fora dos palcos, das telas, dos livros, a condição das pessoas com transtornos mentais perante a sociedade não é nada romântica; vide os tratamentos excludentes e cruéis a que foram submetidos no período em que Bosch viveu, e o que o antecedeu. Seria fácil olhar para este passado e respirar aliviados com a ilusão de que superamos esses horrores. Não obstante, a discussão acerca dos transtornos psíquicos está em alta como nunca. Apesar de pessoas





que sofrem com esquizofrenia e outras condições parecidas sofrerem com os piores tratamentos, outras condições (depressão, autismo, borderline, etc.) estão sendo colocadas em pauta quando o assunto é preconceito e abusos de diversos tipos.

Em um passado não muito distante, o Brasil foi protagonista de um exemplo perfeito sobre o tópico. No início do século XX, na cidade de Barbacena, Minas Gerais, o Hospital Colônia daria início às suas atividades. Com o intuito de ser um hospital psiquiátrico, o local se tornou um verdadeiro palco de torturas para pessoas com ou sem transtornos mentais. Em um estudo aprofundado do caso, a jornalista ARBEX (2013) conta sobre o perfil dos internados:

[...] a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. (p. 26)



Em uma amarga coincidência, os pacientes do Colônia eram levados de trem, como uma releitura da *Nef des fous*. A comparação é emblemática com o fato de um funcionário do hospital gritar “Está chegando mais um ‘trem de doido’” (p. 26) ao avistar o veículo aproximando-se da estação onde os passageiros desciam confusos, “acuados e famintos” (p.27).

Esses dados nos levam a questionar sobre qual o critério utilizado para definir quem é insano. Não é difícil relacionar a atividade de marginalização de comportamentos controversos – e aqui, como já vimos, cabem não só pessoas com transtornos mentais, como também qualquer propagação de ideias não convenientes⁷ – com o exer-

7 “Para ter acesso ao palco da loucura o sujeito deve manifestar sua demência de acordo com o modelo desviante, tradicional na





cício de legitimação de uma relação de poder. Afinal, vários “métodos” empregados assemelhavam-se muito mais a punições com requinte de crueldade do que, de fato, como um meio de ajudar os “pacientes”. Como defende DELAJUSTINE (2014): “É possível pensar nas penas que os ‘loucos’ levavam como punições e castigos. Essas medidas tinham o objetivo de que o sujeito não explanasse mais suas ideias em meio social, pois justamente essas ideias que o teriam levado até o internamento.” (p.15).

Não é possível saber o que exatamente Bosch estava pensando ao compor A Extração da Pedra da Loucura, mas, ao olharmos para o seu contexto, é possível deduzir seu pretexto. Expor uma ferida tão aberta em pleno Renascimento é uma prova de sua ousadia, e os tratamentos desastrosos que essa ferida recebeu em períodos posteriores, atestam a importância do tema.

Sugestão de Atividade



Esta parte refere-se ao método na qual o profissional da educação, o professor, pode utilizar-se de meios variados, para a construção de um material que beneficie tanto estudante em seu aprendizado, quanto o professor em sua dinâmica de ensino, trazendo também um diálogo lateral maior entre estes dois corpos. Portanto é possível usufruir de métodos, que vão além do tradicionalismo do livro didático, como filmes, séries, quadrinhos, pinturas, etc.

Embora a imagem do ensino de História, ainda seja classificada como “tradicionalista”, grande parcela destes agentes foram renovados, contando com novos profissionais. E mesmo os mais “antigos”, boa parte se desvencilharam deste tradicionalismo baseado apenas nos livros didáticos e longos textos. A proposta não é a exclusão dos livros didáticos - uma vez que o acesso à educação de muitos estu-

cultura que a originou.” (MATIAS, p.10)





dantes está limitado a estes manuais - mas trazer um pouco mais de imersão para o aprendizado no ensino de História, incorporando o conhecimento de análise da iconografia que pode ser utilizada como objeto principal de uma exposição em sala.

A iconografia está repleta de diferentes significados, diferindo a área de conhecimento e o contexto na qual é inserida, entretanto, análises multidisciplinares são indicadas a fim de uma maior compreensão do contexto geral do objeto investigado. As imagens podem apresentar características mais intuitivas do que a própria linguagem verbal ou escrita, trazendo também alguns aspectos universais, o que pode dinamizar a análise e interpretação da iconografia. Com isso, diversas representações se fazem presente em livros e manuais didáticos, bem como há inúmeros meios para transmitir essas representações, porém cabe ao professor conduzir essas infinitudes icônicas, que nem sempre são utilizadas pelo próprio docente.



Outro aspecto importante é reforçar que a Iconografia não pode ser levada ao contexto escolar apenas para adornar o livro didático, ou mesmo para colorir os olhos. Estas representações levam consigo uma parte de seu criador, além de que estas iconografias também contam diversos ângulos do fato, uma vez que trazem consigo uma simbologia do seu tempo, capazes de serem ressignificadas em outros contextos históricos. Este é um exercício reflexivo, que o professor pode realizar com os seus discentes.



Com a Escolas dos Annales, fontes alternativas, que não somente os documentos, também podem ser viáveis. Mas o trabalho com fontes históricas alternativas em sala de aula requer certos cuidados, pois cada documento expressa uma versão de um determinado contexto, por isso é importante a criação de um roteiro de análise com o corpo discente. Desse modo, a utilização do documento/obra histórica a ser exibida deve ser acompanhada do contexto histórico, seja no documento escrito ou no objeto utilizado, entender o autor, a obra, o momento em que viveram, o contexto sociológico, a vi-





vência, a religião, os conflitos e a cultura de uma maneira geral para que os estudantes compreendam o sentido da obra, pois a conjuntura da mesma expressa muito do que o autor quer exteriorizar. Esse momento pode ser antes, durante ou depois da exposição, ficando à escolha do professor, sendo um momento importante de conversa com o documento, de questioná-lo e investigar suas “verdades” e “não verdades”.

Com a realização de análises das obras de cada momento histórico, é possível encontrar o pensamento e o cotidiano desses autores. Com isto, entender uma grande mudança de pensamento, como no próprio renascimento, que transita de uma compreensão mágico religioso para o racional científico, é também visível nas grandes obras - seja em pinturas ou mesmo na arquitetura - que criticam os hábitos e instituições do período, como sugere a obra *A Extração da Pedra da loucura*, de Hieronymus Bosch. O Objetivo da aula a ser trabalhada com os estudantes é realizar uma análise da pintura para entender e relacionar os aspectos críticos do autor para com sua obra, entender as ordens sociais da época, e gerar um senso crítico dos alunos relacionando a obra aos temas mais atuais de nossa sociedade.

Após uma contextualização do período e momento histórico, entendendo os moldes da renascença e mais sobre a vida pintor, é interessante que o professor traga uma imagem, no caso *A Extração da Pedra da Loucura*, sem alguma legenda ou titulação da obra. É importante que o professor instigue os alunos a procurar e analisar a imagem da pintura, tendo como referência apenas o contexto histórico e a vida do autor ou nenhuma dessas informações, caso queira um primeiro contato mais intuitivo dos estudantes para com a obra. O local a ser trabalhado também é importante, de preferência que seja um lugar mais aberto e arejado, incentivando os alunos na hora de interpretar, pode ser utilizado um notebook, tablet ou celular, caso opte por essa dinâmica. Entretanto, levando em conta a realida-





de das escolas e do próprio professor, nada impede que esse exercício seja realizado em sala (seja de aula, de vídeo, de informática), com os materiais disponíveis.

Perguntar se há variedade de cores na obra, ou mesmo em qual material a obra foi produzida; se era feito na madeira ou em gesso, também tem sua relevância. Chamar atenção para estes aspectos, para que, primeiramente notem que há uma variedade de cores na imagem, desmistifica uma imagem sombria sobre o medieval-renascentista. A interpretação dos estudantes sobre o material, seja ele qual for, também impacta em suas percepções. Em outras palavras, a arte não se limita ao quadro de madeira, mas também inclui a parede, a calçada, etc. Isto pode abrir um maior leque de opções para entender as artes. Perguntas como:

O que mais chama a atenção;

Qual o cenário utilizado;

Quais os personagens/Quem são;

Dar foco a estes personagens e o que cada um tem de intrigante, o médico com chapéu de funil, o livro na cabeça da freira, as expressões faciais etc.

Neste momento, após a análise às cegas e depois de uma sequência de perguntas, é possível revelar o nome do quadro, tema e descrições. Como o nome da obra sugere, *A Extração da Pedra da Loucura*, é provável que o foco se torne a cirurgia na cabeça do paciente. Esta parte da pintura é a que mais abrange interpretações, é interessante a todo momento deixar fluir as observações.

O quadro é envolto de diversas críticas; o falso cirurgião charlatão que tem seus atos legitimados pelos religiosos; e estes que, sabendo do falso procedimento, também são falsos intelectuais; por último, o espanto em sair uma flor ao invés de uma pedra. Deste





modo é possível perguntar: “Qual a crítica que o quadro oferece?” e novamente deixar fluir as interpretações.

A última atividade pode ser um pouco mais reflexiva; na imagem, tanto o cirurgião, quanto o frade e a freira, são personagens que tem um prestígio social e são vistos como figuras respeitáveis. Seguindo esta interpretação aos dias atuais, é possível ver estes personagens também como lideranças e políticos de renome social. Já o paciente pode ser visto como a população de uma maneira geral, sendo assim é legítimo indagar aos estudantes, alguma situação semelhante a crítica da obra no contexto atual. Perguntas como:

Já ouviram falar de alguma figura política que indica algum tipo de medicamento sem comprovações científicas?

Conhecem alguma liderança religiosa legitimando uma pseudociência?



E em relação a lideranças religiosas provocando o charlatanismo?



E sobre falsos médicos, que receitam medicamentos alternativos e sem eficácia comprovada?

Portanto trazer as questões provocadas pelo autor, afim de entender a problemática de sua obra, pode-se também, trazer estas questões para o contexto atual, afim de aprender o conteúdo, entender elementos de análises das imagens e utilizá-las no cotidiano do estudante.

Considerações Finais

Esperamos que esse material seja de utilidade para os professores e professoras, de forma que o uso da imagem em sala de aula seja uma prática mais utilizada. Não apenas de forma ilustrativa, mas como uma ferramenta didática com o fim de provocar reflexões e interpretações, sempre relacionando com a realidade dos estudantes.





Apesar das dificuldades encontradas em achar dados precisos – tanto sobre as obras quanto da própria vida – de Hieronymus Bosch, a discussão sobre o seu legado artístico deve ser um tópico indispensável para diversos e vastos temas sobre o período de transição da Idade Média para o Renascimento, e por que não, para a atualidade. Suas obras são instigantes e – acima de tudo – muito plurais, dando margem para muitas interpretações, principalmente por conterem – em sua maioria – elementos fantásticos e tons satíricos.

A Arte cumpre esse papel, entre tantos outros, de denunciar; representar; causar curiosidade, assombro, encantamento, inspiração ou descontentamento; legitimar e nos fazer refletir. Nenhuma obra, de qualquer gênero que seja, está separado de seu autor e seu período, o que nos aproxima dos intentos humanos e da nossa própria humanidade. Em um contexto local e/ou temporal desumanizador, ela (a arte) se torna uma verdadeira ameaça, o que explica o sucateamento, a repressão e o não incentivo de sua prática e acessibilidade, por parte das autoridades responsáveis.



Por isso, enquanto educadores é imprescindível cumprirmos nosso dever em defesa, difusão e valorização de projetos artísticos e culturais. Por fim, o educador não precisa se prender a tudo que está escrito no material, ele é apenas um guia, um referencial, que pode e deve ser adaptado para as demandas e a realidade do profissional e da escola. Reconhecemos e valorizamos esse esforço em implementar novos métodos e materiais pedagógicos, por parte dos profissionais da educação. Nosso desejo, é que possamos trabalhar juntos em prol de uma sociedade mais justa e que continuemos sendo agentes de transformação.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Thais Costa De et al. A utilização das pinturas renascentistas em sala de aula, através do pibid. **Anais IV CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.edi->





torarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/35639. Acesso em: 15. jan. 2021.

BOSCH, Hieronymus. **A Extração da Pedra da Loucura**. 1501 - 1504. Pintura, óleo sobre madeira, 34.5 x 48.5 cm.

DELAJUSTINE, Ana Claudia. **A Institucionalização da Loucura: do Internamento do Louco ao Aprisionamento pela Medicalização**. Orientador: Nilson Heidemann. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - UNIJUÍ, Ijuí, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOMBRICH, E. H. **A história da Arte**. Tradução: Editora LTC. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MATIAS, Kamilla Dantas. **A Loucura da Idade Média: Ensaio sobre algumas representações**. Orientadora: Maria Alegria Fernandes Marques. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, [S. l.], 2015.

MURASHIMA, Mary Kimiko Guimarães. STULTIFERAE NAVES: A HISTÓRIA DA PERCEPÇÃO DA LOUCURA. **PRINCIPIA: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras - LECO - INSTITUTO DE LETRAS - CEH**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ano 08, ed. 13, p. 82-95, 2005. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/11321>.> Acesso em: 3 maio 2021.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O Uso da Imagem no Ensino de História: produção didático-pedagógica**, 2009. Curitiba: SEED/PR., 2009.

PRADO, Guilherme Augusto Souza. Revisitando a História da loucura: experiência trágica, exclusão, captura e tutela. **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 223-238, 24 maio 2021. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/>





[ecos/article/view/1855/1326](#).> Acesso em: 3 maio 2021.

SILVA, T. V. **O Pecado no Cotidiano Medieval**: as Obras Moralizantes e Sociais de Hieronymus Bosch (1485-1516). 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.





As obras de Rafael Sanzio pelo olhar de Harmonia Rosales e Kehinde Wiley: pensando o epistemicídio e a prática pedagógica antirracista no ensino de História

Vânia Maria dos Santos⁸

Palavras iniciais

Professora ou professor, esse texto paradigmático tem a proposta de descolonizar o ensino de história, trazendo a partir do pensamento do estado moderno e as obras de Rafael Sanzio uma reflexão acerca do eurocentrismo, epistemicídio e a ideia de raça. O presente texto paradigmático também orientará o trabalho com imagens na disciplina de história, desenvolvendo as competências da comparação, contextualização, interpretação e análise abordadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destinada à história. O planejamento é construído para o sétimo ano, mas pode ser readaptado para outras fases da educação básica.

ONDE ESSE CONHECIMENTO ESTÁ NA BNCC? ANO: 7º (ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL) UNIDADE TEMÁTICA: O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de história /a ideia de “novo

8 Graduada em História pela Universidade Federal de Rondópolis.





mundo” frente ao mundo antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno.

HABILIDADES: (EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

Momento 1

Professor ou professora inicie a aula explanando aos estudantes sobre os objetivos pretendidos no dia, deixe claro que a aula se baseará na arte no período moderno, organize a turma em formato de roda de conversa e explique que apresentará alguns slides contendo imagens de quadros pintados entre o século XV e XVI e que fará alguns questionamentos.



Madona Solly, 1502

Disponível em: <https://expovitreana.wordpress.com/2015/08/26/rafael-sanzio/>





Observação: É importante que ao passar o slide o professor ou professora que esteja conduzindo a exposição inicialmente apresente apenas a imagem e não dê pistas de fontes ou qualquer informação sobre a origem da imagem. Após a informação faça algumas indagações aos estudantes que funcionarão como perguntas disparadoras: a) Quais as características da mulher que aparece na pintura? Deixem os estudantes observarem a imagem em cada detalhe, e instigue para que eles notem cada detalhe, o cabelo, a roupa, a cor da pele, a bíblia, a criança. b) O que pensam que o olhar da mulher da foto transmite? Raiva e agressividade ou pureza e paciência? Deixem que os estudantes deem suas próprias impressões, mas oriente para que se atentem a expressão facial da mulher representada na imagem.

Momento 2

Após a apresentação da imagem e a discussão acerca da obra, apresente para o grupo a fonte da imagem e o autor, além de descrever sobre a biografia do mesmo, situando o tempo cronológico a fim de que os estudantes se localizem no período moderno. Para esse momento pode-se utilizar os trechos do livro “História da Arte” de Ernst Hans Gombrich indicados abaixo, para construir um texto de apresentação aos estudantes.

“Na época em que Miguel Ângelo e Leonardo competiam em Florença, em 1504, ali chegou um jovem pintor proveniente da pequena cidade de Urbino, na província de Úmbria. Era Raffaello Santi, a quem conhecemos como Rafael (1483-1520), que realizara trabalhos bastante promissores na oficina do líder da escola “úmbria”, Perugino (1446-1523)”. (GOMBRICH, p.315, 2015)

“Foi nessa atmosfera que o jovem Rafael cresceu, e não tardou em dominar e absorver a maneira de seu professor. Quando chegou a Florença, deparou-se com um estimulante desafio. Leonardo e Miguel Ângelo, um mais velho trinta anos e outro oito anos, estavam





criando padrões artísticos com que ninguém jamais sonhara. Outros artistas jovens poderiam ser desencorajados pela reputação desses gigantes. Mas não Rafael”. (GOMBRICH, p.315, 2015)

“Depois de alguns anos em Florença, Rafael foi para Roma. Aí chegou provavelmente em 1508, na época em que Miguel Ângelo estava começando a trabalhar na capela Sistina. Júlio II não tardou em achar também trabalho para esse jovem e cordial artista. Pediu-lhe que decorasse as paredes de várias salas do Vaticano que tinham passado a ser conhecidas como stanze (apostentos). Rafael demonstrou seu domínio do desenho perfeito e da composição equilibrada numa série de afrescos nas paredes e tetos dessas salas”. (GOMBRI-CH, p.316, 2015)

“Havia outra qualidade na obra de Rafael que era admirada por seus contemporâneos e por gerações subsequentes: a pura beleza de suas figuras”. (GOMBRICH, p.320, 2015)



Outras obras de Rafael Sanzio



AS TRÊS GRAÇAS

Disponível em: <https://ferreiramagali2.medium.com/>





O TRIUNFO DE GALATEIA

Disponível em: www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/triunfo-galateia-rafael-sanzio/



MADONA DEL GRANDUCA

Disponível em: https://it.wikipedia.org/wiki/Madonna_del_Granduca





Momento 3

Professora ou professor, após apresentar a vida e obra do artista, explore alguns elementos das pinturas de Rafael, como a delicadeza, a doçura nas expressões, a forma como a virgem é modelada. Logo depois apresente as releituras das obras, porém não diga a seus estudantes que são releituras, deixem eles apreciar a obra por alguns minutos e apontem questionamentos.



The Three Graces, 2005 Oil and enamel on canvas by Kehinde Wiley
Disponível em: [The Three Graces, 2005 Oil and enamel on canvas by Kehinde Wiley | \(creativityfuse.com\)](http://creativityfuse.com)

Perguntas aos estudantes:

- a) O que observam na imagem? Nesse momento é importante que os estudantes expressem cada detalhe observado, os 3 homens, as cores fortes)





b) Essa obra tem relação com alguma pintura apresentada durante nossas aulas sobre o artista Rafael Sanzio? Se os estudantes não perceberem a relação da obra de Kehinde Wiley com a obra “As três Graças” de Rafael Sanzio, apresente você mesma a autora e os detalhes de sua releitura.

Abaixo estarão alguns trechos que orientarão o trabalho de análise e comparação tanto dos professores quanto dos estudantes.

Sobre a artista Kehinde Wiley

“Kehinde Wiley nasceu em 1977, filho de um nigeriano com uma afrodescendente. É um artista com nacionalidade americana. Em 2017 foi contratado para pintar o retrato do ex-presidente dos EUA, Barack Obama. Ele desenvolve seus trabalhos em telas, vitrais, retábulos e esculturas de bronze. Enfatiza questões de raça, gênero e política, colocando a figura de negros em releituras de retratos clássicos da história da arte, considerados como obras-primas. A proposta de suas produções é colocar a imagem do negro em posição de poder, religioso e ou mitológico, lugar esse ocupado até então pelo homem branco. ‘A pintura é sobre o mundo em que vivemos. Homens negros vivem no mundo. Minha escolha é incluí-los. Essa é a minha maneira de dizer sim para nós’. Wiley (2015). Para produção de seus trabalhos o artista convida aleatoriamente pessoas negras para serem fotografadas e posteriormente transforma as fotografias em pinturas com releituras de clássicas obras de arte. (MORAIS, p.43, 2019)

Sobre a obra “Três Graças”

“Na obra há três homens negros. O homem no centro está de costas, enquanto os outros dois estão de frente para o espectador. Suas roupas têm estilo esportivo, sendo que a regata que o homem à esquerda da imagem usa remete ao basquete e a camisa do homem





ao centro, remetente ao beisebol. Cada homem segura em uma de suas mãos uma maçã verde. No plano de fundo há arabescos dourados que se sobrepõem às figuras masculinas. A obra é uma das releituras que Kehinde Wiley faz da pintura “As três graças”, de Rafael Sanzio, de 1504. As três graças foram retratadas ao longo da história da arte ocidental. Representa as irmãs: Eufrosina, Talia e Aglaia, filhas de Zeus e simbolizam a divindade da beleza. Observa-se a suavidade, delicadeza e harmonia na posição em que elas são representadas. Cada uma das figuras segura em uma de suas mãos uma maçã vermelha, simbolizando o fruto proibido. Em sua releitura, Wiley coloca figuras masculinas negras no lugar das femininas, brancas e nuas. Essa alteração questiona a história da arte ocidental que exaltou o nu feminino. No entanto, Wiley não representa as figuras masculinas nuas, mas com roupas esportivas contemporâneas. As roupas remetem a signos culturais representando o grupo – a tribo, da qual esses homens fazem parte. Na releitura, os negros ocupam um lugar no Olimpo – o lugar dos deuses poderosos, representados por homens brancos. A troca das figuras femininas pelas masculinas, pode sugerir questionamentos referentes à mulher ser representada como símbolo de beleza e harmonia. Wiley coloca homens negros nessa posição, nesse estereótipo do padrão de beleza. O artista substitui as maçãs vermelhas por maçãs verdes. A maçã vermelha é representada tradicionalmente, enquanto a maçã verde é pouco representada e remete à novidade, algo mais fresco, pode-se interpretar que essa troca simboliza a mudança da obra clássica e tradicional por uma nova representação. Os arabescos dourados do plano de fundo se sobrepõem às figuras dos homens negros, simbolizando que eles estão inseridos no contexto de poder e riqueza. Essa obra também é uma crítica aos cânones da história da arte, sendo que Wiley aborda a mitologia grega para desmistificar os paradigmas eurocêtricos”. (MORAIS, p.47, 2019)

Observação: Professora ou professor, se possível leia o trabalho de conclusão para se preparar para a aula, se não possível ler





a obra completa de Andressa Brusamarello Moraes, leia o capítulo direcionado a Kehinde Wiley.

Após explorar um pouco sobre a perspectiva de Wiley e explorar sua obra de releitura, pergunte aos estudantes o que mais acharam interessante, se gostaram ou não, se acham importante esse tipo de trabalho, e passe para a próxima releitura, mas dessa vez apresente primeiro a artista que será Harmonia Rosales, e diga que ela trabalha em uma mesma perspectiva de Wiley, em desmitificar obras renascentistas, obras que destacam apenas corpos brancos, que personificam a ideia eurocêntrica.

Sobre a artista Harmonia Rosales

Afro-cubana nascida em 1984. Atualmente a artista reside em Chicago, nos EUA. Suas obras também abordam questões raciais, políticas e de gênero, exaltando a figura feminina negra em imagens de obras. Em sua coleção de 2017, intitulada B.I.T.C.H. (Black Imaginary To Counter Hegemony³⁷) ela substituiu as figuras de obras como “O Nascimento de Vênus”, de Sandro Botticelli; Homem Vitruviano, de Leonardo Da Vinci e A criação de Adão de Michelangelo, por mulheres negras. Com cunho político, a artista mostra a negligência referente à figura negra feminina na história da arte, como se essas não fizessem parte de tal história. É importante ressaltar que um dos objetivos da artista é possibilitar que jovens negras se sintam representadas em posição de poder e vangloriadas nas clássicas obras de arte, conforme a artista comenta em entrevista ao site BuzzFeed: “Eu quero que a minha filha cresça orgulhosa dos seus cachos e do seu cabelo enrolado, sua pele morena, e para que ela se identifique como uma mulher negra, de valor.” (apud RONCOLATO, 2018). (MORAIS, p.50, 2019)

Após a explanação da perspectiva artística e política de Harmonia Rosales, apresente a releitura das obras de Madonas do artista





Rafael Sanzio:



A VIRGEM

Disponível em: <https://laafa.edu/harmonia-rosales-black-femininity-in-classical-artworks/>

Sobre a obra “A Virgem”

Na obra de Rosales, uma mulher negra assume o lugar do estereótipo da Virgem Maria, a madona⁴⁰ tão conhecida e reverenciada pelos cristãos. Parafraseando o texto da exposição Consciência do Novo Mundo, em 2018, que diz serem as mulheres representadas de duas maneiras durante a colonização religiosa. Primeiro, como uma mulher santificada, colocada em um pedestal, como pura, frágil, sofredora e inatingível. Em contrapartida, com a idealização





dessa figura santificada, há Eva, uma mulher sexualizada, impura, insultada e condenada. Esses dois estereótipos foram estabelecidos e julgados pelos padrões patriarcais, hegemônicos e eurocêntricos. Esta maneira dicotômica de representar a figura feminina nesse contexto é questionada nessa obra. A obra retrata o empoderamento da mulher negra e também representa uma mãe solteira, visto que ela carrega em seus braços um menino, sugerindo ser seu filho. Ambos envoltos por um pano vermelho. As auréolas em tom dourado com azul e marrom, que circundam suas cabeças simbolizam o sagrado, um lugar santificado, no qual os negros não foram representados na história da arte ocidental. (MORAIS, p.56 2019)

Professor ou Professora é importante lembrar que os textos expostos nesse material são de consulta ao corpo docente, para apresentar aos estudantes é imprescindível adaptação para cada etapa de ensino.



Atividade



Para uma proposta de atividade crie um ambiente de discussão e reflexão acerca da aula, e desenvolva nos estudantes o processo de análise e comparação, para isso explique as imagens a seguir e oriente aos estudantes a tomarem nota de suas observações:





RAFAEL SANZIO X KEHINDE WILEY



RAFAEL SANZIO X HARMONIA ROSALES





Oriente aos estudantes registrarem em forma de textos descritivos e argumentativos, suas análises e comparações com base nas temáticas abordadas durante a aula, peça que discorram tanto sobre a obra de Sanzio, quanto de suas impressões das obras de Wiley e Rosales. Fazendo com que reflitam sobre obras do século XV e sobre obras do século XXI, fazendo o jogo cronológico e criando relações entre passado e presente.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2016

GOMBRICH, Ernst, Hans. **A História da Arte**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, 2015.

MORAES, Andressa Brusamarello de. **Decolonialidade: A Representação Do Negro Na Arte De Kehinde Wiley, Harmonia Rosales E Rosana Paulino**. 2019. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Artes Visuais, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

STORIG, Hans Joachim. **História Geral da Filosofia**. Revisão de Edgar Orth. Petrópolis/RJ: Vozes. 2009.





A era vitoriana pelas lentes do filme *A noiva cadáver*

Linsker Marim⁹

Introdução

Este material foi desenvolvido com o intuito de servir a você professor(a), como possibilidade de aprofundar o conhecimento de seus estudantes acerca da Europa moderna. A proposta aqui, é utilizar do filme *A noiva cadáver* como sendo um dos vários formatos e possibilidades de documentos históricos. Buscamos desenvolver uma fórmula para dar enfoque a Era Vitoriana, a fim de entender um pouco mais sobre seus pensamentos, práticas de vida e ações políticas. O trabalho leva em consideração a necessidade que nós, educadores temos em fazer-se valer de outros recursos didáticos e de outras práticas pedagógicas. Optamos pela utilização do filme como recurso pois os mesmos, “demonstram outra forma de relacionamento entre o ser humano com o outro, com a natureza, com a política, com a religião, com a morte, com o amor” (PEREIRA, 201?). Para isso é de suma importância que seja levada em consideração as metodologias necessárias para se trabalhar cinema como documento histórico. Não é nosso objetivo limitar você educador(a) a uma única abordagem, e sim, evidenciar uma das várias possíveis a serem desenvolvidas em sala.

9 Graduanda em História pela Universidade Federal de Rondonópolis.





Ficha técnica do filme/influências externas

A noiva cadáver é um filme americano produzido pelo escritor e diretor Tim Burton, lançado pela Warner Bros Pictures no ano de 2005 com o título *Tim Burton's Corpse Bride*. A animação segue o gênero comédia e ganha destaque por ter sido produzido em stop-motion, que se caracteriza pela utilização de personagens feitos com massa de modelar, e uso da técnica quadro-a-quadro, onde são registradas diversas imagens, a fim de montar uma sequência em uma película, para gerir movimento, interação e desenvolvimento do enredo. O material conta com cerca de 77 minutos de duração, tem a classificação “livre para todos os públicos”, e tem como premissa principal o relacionamento amoroso, tal como é apresentado nos dados do material. Apesar de parecer ter sido escrita por Burton, a história da noiva cadáver na verdade trata-se de um conto Russo do fim do século XIV, na qual é relatada a história de um jovem que acidentalmente teria preferido votos matrimoniais a um suposto galho, sem a consciência de que na verdade tratava-se do cadáver de uma jovem noiva. Porém o diretor conseguiu fazer uso desse conto - ao que tudo indica o conto era conhecido como a lenda da noiva cadáver - de maneira a empregar sua subjetividade e visão de mundo. Tal subjetividade fica evidente quanto a utilização da técnica stop-motion. “O Stop-Motion[...] abre outros caminhos para a arte, a manipulação da nossa visão, o que achamos que vimos em comparação com o que realmente nos é mostrado.” (MARTINS, 2014). Outra característica/influência muito presente nas obras de Burton é o Expressionismo alemão



O Expressionismo Alemão pode ser considerado uma fusão entre o pessimismo e o cenário desolador encontrado no país no pós-guerra (1914-1918) com a tradição da literatura fantástica alemã. A importância desta categoria de cinema estendeu-se para outros países, influenciando diretores do mundo todo durante a década de 30. Um dos cinemas que aderiu à estética expressionista foi o america-





no. (ARAÚJO, 2019)

Outra característica muito relacionada ao expressionismo alemão é o uso das cores. Segundo Tami de Castro Abreu e Ana Lúcia M. Andrade no artigo O Uso da Cor no Cinema de Animação de Tim Burton.

A junção desses componentes [utilização das cores] promove uma atmosfera macabra e disforme não só pela disposição dos elementos em si, como também pela carga negativa que as sombras intensas e as cores lúgubres receberam ao longo da existência humana. O espectador, portanto, equipado de uma bagagem social e cultural, estabelece associações de forma espontânea quando observa determinadas composições, podendo desenvolver sentimentos pejorativos e negativos. (ABREU, T.C., ANDRADE, A. L. M. 2016, p. 9)



Ambientação da obra/contexto histórico



Segundo as informações presentes no material, o enredo é “Ambientado em uma vila europeia do século 19”. Porém isso em momento algum, é informado no decorrer da trama. Não necessariamente, nós professores, devemos considerar isso como sendo um ponto negativo, visto que, isso nos abre a possibilidade de investigar elementos que possam ser característicos de um recorte temporal menor, estimulando desta maneira a pesquisa histórica por parte dos estudantes. E é justamente isso que propomos como exercício a ser realizado durante a exibição do material. Partindo da seleção de elementos apresentadas abaixo:





ELEMENTOS A SEREM DESTACADOS EM CONJUNTO COM OS ESTUDANTES:

Figurino em sua maioria preto, azul e cinza (predominância do estilo gótico como sendo uma das influências da rainha Victória)

Névoa como consequência do uso excessivo do carvão - outro fator que implica na utilização de cores escuras para compor as vestes da população (decorrente ao processo de industrialização que principalmente os países europeus estavam passando);

Monotonia no mundo dos vivos/mecanização dos fazeres (possível analogia a revolução industrial);

Utilização do vestido branco no casamento como símbolo de status social (durante muitos anos o vestido utilizado pelas noivas em sua maioria era em variações de azul);



Aparência de vulnerabilidade por parte das damas/limitação dos movimentos do corpo feminino por conta das vestimentas;



Surgimento da fotografia, posteriormente sua popularização e a recorrente prática da foto post mortem (a própria imagem da capa pode ser utilizada para fazer a analogia as fotografias tiradas com os mortos)

A crença da existência do purgatório/vida após morte;

Relação dos personagens “vivos” com os personagens “mortos” (possível analogia ao fato de que durante a Era Vitoriana o luto eterno da rainha Victória influenciou a população europeia na visão com relação a morte)

De uma pesquisa sobre os períodos históricos vividos pela Europa moderna, da informação presente na contracapa do DVD de que a história se desenvolve em um vilarejo europeu no século





XIV, e considerado que o conto original supostamente seja Russo, construímos uma ideia de que o vilarejo em questão venha a ser o de São Petersburgo. Uma vez que, desde sua fundação no reinado do imperador Pedro I, a cidade fora projetada nos moldes e parâmetros europeus.

Tal qual um microcosmos, a cidade [São Petersburgo] exibia muitos ideais petrinos. Era europeia em conceito, nome e estilo – o estilo sinónimo do novo termo popular arkhitektura. O seu nome e plano, a fortaleza e a catedral de São Pedro e São Paulo, o escudo da cidade, tudo apontava para paralelos com a Roma imperial. (ALEXANDER, 2017, p. 149)

E pelo fato de que ao “final do século XIX, São Petersburgo tinha muitas fábricas” (SÃO PETERSBURGO 2019). Iremos supor então que, a história se passa em qualquer data entre junho de 1837 a janeiro de 1899 - mesmo sabendo que o reinado da rainha Victoria durou até o ano de 1900, iremos desconsiderar o último ano devido a virada de século a partir do ano de 1901 - na cidade de São Petersburgo, durante o reinado da rainha Alexandrina Victoria.

Casamento como aliança política: quem se beneficia do que?

Logo nos primeiros minutos do filme somos apresentados a duas classes opostas, que “de acordo com o plano” - música cantada pelos pais dos noivos - pretendem realizar o casamento de seus filhos. A oposição entre as classes fica evidente ao analisarmos a construção do cenário presente no filme. De um lado a família Van Dort, comerciantes de peixes, que por sua vez representam a burguesia em ascensão. Do outro, temos os aristocratas Everglot, família de linhagem nobre, que por algum motivo havia chegado à falência. O que vemos aqui nada mais é do que se não a prática que se tornou muito





comum nesse período, a centralização do poder monárquico.

Quase sempre estiveram envolvidos nesse processo de centralização do poder os mesmos grupos sociais: os reis, a burguesia e os nobres feudais. Cada um desses grupos era movido por interesses próprios. Muitas vezes, esses interesses eram convergentes; outras vezes, radicalmente opostos. Para a burguesia, novo grupo social se formava, a descentralização política do feudalismo era inconveniente. Isso porque submetia os burgueses aos impostos cobrados pelos senhores e dificultava a atividade comercial pela ausência de moeda comum e de pesos e medidas padronizados. Essas circunstâncias acabaram aproximando os burgueses dos reis, interessados em concentrar o poder em suas mãos. Nessa aliança, a burguesia contribuía com o dinheiro e o rei, com medidas políticas que favoreciam o comércio. O dinheiro da burguesia facilitava aos reis a organização de um exército para impor sua autoridade à nobreza feudal. Essa mesma nobreza feudal, por sua vez, encontrava-se enfraquecida pelos gastos com as Cruzadas e tinha necessidade de um apoio forte, até mesmo para se defender das revoltas camponesas, que se intensificavam. Procurou esse apoio nos reis, apesar de muitas vezes se sentir prejudicada com a política da realeza em favor da burguesia, que colocava fim a vários dos privilégios feudais. Dividido entre a burguesia e a nobreza feudal, o rei serviu como uma espécie de mediador entre os interesses dos dois grupos. (TRANSFORMAÇÕES, 2009.)

Devido os interesses de ambas as partes tornar se claro quando relacionamos as cenas do filme com o trecho acima, ficará mais fácil a compreensão dos estudantes sobre os interesses políticos que estão sobre máscaras morais e religiosas vigentes neste período. Em seu livro História das mulheres no Ocidente. Hufton afirma que; “uma filha levava da sua família dinheiro e recursos que tinham que comprar o seu bem-estar futuro e, idealmente, através da nova aliança, elevar a posição social dos seus parentes” (HUFTON, p. 25). Diante disso vemos configurar-se uma tentativa de manutenção do status





sociais. A grande questão aqui colocada é que o diretor inverte os papéis das famílias com relação ao dote, uma vez que os Everglot estão falidos, e espera-se que a salvação financeira venha por parte da burguesia em ascensão, os Van Dort. Em sendo assim, podemos solicitar junto aos estudantes a produção de um texto dissertativo argumentativo tendo as seguintes questões norteadoras;

1. Casamento como aliança política: quem se beneficia do que?
2. O que mudaria na vida de ambas as partes?
3. Os comerciantes Van Dort alcançariam o tão sonhado título de nobreza e poderiam exercer papéis políticos nessa sociedade?
4. A família Everglot seria capaz de reerguer sua fortuna com o casamento de sua filha?
5. Na sua opinião, quais foram as pretensões do diretor ao inverter o dote?



Considerações

Dada a possibilidade de continuação do desenvolvimento do material paradidático na disciplina de Moderna II, tomamos está como sendo uma primeira etapa de produção. De tal maneira optamos por aprofundar a discussão sobre o casamento e seu papel na sociedade do Europa do século XIX, e também destrinchar a ideia de purgatório na segunda fase do trabalho. Destacamos também que, essa trata-se de uma, das várias possíveis interpretações do material exibido em sala. Ao optar por trabalhar A noiva cadáver., nós educadores devemos nos atentar e guiar os estudantes para que os mesmos não se deixem levar pela subjetividade do diretor, ou por valores de uma época, que não a devidamente abordada no enredo. Como no filme em questão, onde muito dos elementos apresentados, como a ideia das cores, pode estar mais relacionada a subjetividade





de Burton do que propriamente ao pensamento do XIV. Ou até mesmo com relação ao desenvolvimento de um amor romântico entre os personagens Victor e Victoria. Não estamos afirmando que isso não viesse acontecer, mas é importante lembrar que, o casamento nesse período é estritamente ligado a interesses de alianças políticas das partes envolvidas a fim de garantir a manutenção de seus privilégios e poderes.

Referências Bibliográficas

ABREU, T. C., ANDRADE, A. L. M. O Uso da Cor no Cinema Animação de Tim Burton. **Revista Anagrama**, Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, USP, Ano 10, v. 1, Jan.-Jun. de 2016.

ALEXANDER, John T. A Era Petrina e depois. In.: FREEZE, Gregory L. **História da Rússia**. Lisboa: Ed. 70, 2017.

ARAÚJO, F. Expressionismo Alemão. **InfoEscola**, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/expressionismo-alemao/>. Acesso em: 18 Ago. 2019

HUFTON, Olwen. Mulheres, trabalho e família. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no ocidente**: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991..

MARTINS, S. Tim Burton e o Stop-Motion. Art & Multimédia, 2014. Disponível em: <https://digartdigmedia.wordpress.com/2014/04/09/tim-burton-e-o-stop-motion/>. Acesso em: 18 Ago. 2019

PEREIRA, W. 7 Dicas de como utilizar filmes como recurso didático. **Canal do Educador**, 2015. Disponível em: <https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/7-dicas-como-utilizar-filmes-como-recurso-didatico.htm> Acesso em: 18 Ago. 2019

SÃO PETERSBURGO. **Britannica Escola**, 2019. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/S%C3%A3o-Petersburgo/482429>. Acesso em: 18 Ago. 2019





TRANSFORMAÇÕES no período Medieval. A centralização do poder nas monarquias europeias. **Só História**, 2009. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/centralizacaopoder/>. Acesso em: 18 Ago. 2019.





Romeu e Julieta: uma proposta pedagógica

Letícia Maria dos Santos Firmino¹⁰

Valéria Cardoso Correia¹¹

Yalles Moraes da Silva¹²

Foco: Educação Básica - Ensino Médio

Recursos Didáticos: Filme “Romeu e Julieta” (1968)

Objetivo: Compreender as dinâmicas políticas que cercavam a esfera matrimonial no período compreendido como primeira fase da Idade Moderna.

Metodologia: O(A) professor(a) deve iniciar sua aula estimulando um debate acerca da natureza dos casamentos no período de transição da Idade Média para a Idade Moderna. Para melhor compreensão dos estudantes, serão apresentados trechos do filme *Romeu e Julieta*, lançado no ano de 1968 com direção de Franco Zeffirelli, com o intuito de, a partir do filme, os(as) estudantes compreenderem as relações interpessoais no determinado período histórico. Antes da exibição da película, o(a) professor(a) pode questionar os(as) estu-

10 Graduada em História pela Universidade Federal de Rondópolis.

11 Graduada em História pela Universidade Federal de Rondópolis.

12 Graduado em História pela Universidade Federal de Rondópolis.





dantes acerca dos seus conhecimentos sobre a história de Romeu e Julieta. O que pensam a respeito da trama? Uma breve fala a respeito da conjuntura da época também se mostra necessário. Após a exposição do filme, conversar com os estudantes os pontos que os mesmos entendem como destaque, retomando as características do momento histórico apresentadas antes da exibição da obra cinematográfica. Conduzir a discussão de forma que os estudantes percebam a relação entre casamento e relações políticas na Idade Moderna.¹³ Ao final, pedir que os estudantes produzam um texto que englobe os tópicos relativos à transição da Idade Média para Idade Moderna, em especial o casamento e a ideia de amor apresentados na obra de William Shakespeare. Também é possível trabalhar com a elaboração de uma peça teatral na qual os estudantes poderiam produzir o roteiro a partir do conhecimento construído em sala de aula.

Avaliação: A escrita do texto, a participação no debate e na peça de teatro contariam pontos na média escolar bimestral, a distribuição quantitativa ficando à critério do(a) professor.



Resumo da Proposta

O que conhecemos por *casamento* é um dos rituais sociais presentes na cultura de diversos povos, desde os mais antigos ao modelo de sociedade atual em que vivemos – porém, este rito de passagem modificou-se com o passar dos tempos. Durante a Antiguidade e a Idade Média, a união de duas pessoas através de tal ritual significava a conclusão de uma etapa e a entrada em outra; em muitas culturas, o casamento e a formação de uma família significava a passagem da adolescência para a idade adulta na qual esses indivíduos se tornavam membros ativos em sua comunidade. Sua finalidade estava ligada à reprodução e, no caso das elites do início da Era Moderna,

13 Para melhor compreensão acerca da relação, ler “Shakespeare no nosso contemporâneo” de Jan Kott.





a manutenção de riquezas e poderio. Por conseguinte, o casamento estava intrinsecamente ligado à esfera política, constantemente utilizado como artifício para os interesses das famílias envolvidas. Não havia necessidade do amor como o conhecemos hoje para a realização de um casamento; poderia até ser resultado do casamento, mas não o motivo principal para uma união de tal tipo.

Com a expansão do cristianismo durante a Idade Média, os valores predominantes acabam por ser os cristãos. O modelo de união matrimonial ideal de acordo com a Igreja Católica seria um amor que se igualasse ao de Maria e José presente na Bíblia (Almeida, 2007): seu amor não se encaixava no que se entende por amor carnal, ligado aos desejos da carne – eram companheiros, se auxiliavam e se amavam. De acordo com Batten (1995, apud Almeida, 2007), durante a Idade Média o amor era considerado como um sentimento impróprio para o casamento. Qualquer demonstração de sentimentos considerados devassos e concupiscentes era condenada pela instituição religiosa, de maneira que é possível perceber o poder exercido pela igreja sob as esferas público e privada da sociedade naquele momento. O ato sexual sem fins reprodutivos não era bem visto pelo corpo católico também no período da Renascença.

Romeu e Julieta é uma peça teatral escrita pelo inglês William Shakespeare entre os anos de 1591 e 1595, durante a Renascença Inglesa sob o reinado de Elizabeth I. Trata-se de uma comédia que termina em tragédia – dois jovens, filhos de famílias rivais, se apaixonam perdidamente e anseiam por ficarem juntos, união que é condenada pela família de ambos. Mesmo assim, os dois se casam com a ajuda de Frei Lourenço, personagem que acaba por idealizar o plano de fuga do casamento do qual Julieta estava prometida anteriormente. No entanto, o plano não sai como pensado e resulta na morte dos dois adolescentes após cinco dias de seu encontro; a ideia de um amor impossível, presente em diferentes histórias de diversas culturas, é então eternizada na obra de Shakespeare.





Mesmo com a presente trama, o tópico principal da peça não se trata da existência ou não do amor entre esses jovens, mas sim da manutenção da ordem, sendo essa uma temática frequente nas obras do autor. Em *Romeu e Julieta*, essa ordem é personificada na personagem do Príncipe Escalo, que sempre se mostra como o reparador da ordem: seu personagem aparece em três cenas públicas permeadas por violência – o embate em público dos Montecchios e Capuletos (Ato I, Cena I), as mortes de Mercúrio e Tebaldo (Ato III, Cena I) e após as mortes de Páris, Romeu e Julieta (Ato V, Cena 3). Nas três, sua presença expressa advertência, julgamento e perdão em relação ao conflito entre as famílias. Durante o período elisabetano, no qual está inserida, a obra prevalecia a ideia de uma correspondência entre o poder divino e o poder dos reis, herança carregada do período medieval.

Podemos então afirmar que, além da característica de alerta acerca dos perigos da paixão e do amor carnal, *Romeu e Julieta* tem como seu foco o conflito entre as duas famílias, conflito esse que afeta de maneira negativa a ordem da comunidade em que estão inseridos. A violência exercida por ambos transforma o cotidiano e as personagens principais, de forma que suas mortes prematuras deram fim à rivalidade dos Capuleto e Montecchio. O casal tem seu trágico fim não só pela desobediência às vontades dos pais e pela transgressão dos valores cristãos da época, mas também e principalmente pelo ódio de origem desconhecida que existia entre as famílias.

Notadamente, a obra de Shakespeare se passa durante o período da Renascença entre os Séculos XIV e XVI em Verona, uma das cidades ao Norte da Itália, região em que o historiador germânico Oto Freising reconheceu o surgimento de uma nova organização social e política. Essa nova organização social foi marcada pela perda das características feudais e pelo surgimento de uma vida política que tentava se desvincular da monarquia hereditária. Na abordagem realizada por Skinner em sua obra *As fundações do pensamento po-*





lítico moderno (1996), o autor relata que as cidades italianas naquele momento estavam sedentas por liberdade, queriam a todo custo se libertar dos ditames dos monarcas, objetivavam sua independência política e a liberdade para o autogoverno.

No primeiro capítulo da obra de Skinner, intitulado “*O ideal de Liberdade: As cidades repúblicas e o Império*”, o escritor aponta que as cidades italianas podiam eleger os seus *podestas*, mas isto apenas lhes garantia independência de fato e não de direito, pois ainda persistia a pretensão de submetê-las ao controle do Santo Império Romano. Naquela época, as facções existentes em diferentes famílias representavam um dos fatores impeditivos para a consolidação do império monárquico sobre o *Regnum Italicum*. Essas facções, na obra representadas pelas famílias Montecchio e Capuleto, eram muitas vezes proeminentes mercantes que, não possuindo títulos de nobreza, dominavam as regiões onde se estabeleciam através também das demonstrações de força. Dessa maneira, conflitos sangrentos estavam fadados a acontecer.



Entretanto, *Romeu e Julieta* não remete só às características de uma Verona renascentista, mas também ao momento em que foi escrita. Rainha Elizabeth I, última monarca da Dinastia Tudor, carregava na história de sua família e da Inglaterra o conflito sangrento que colocou seu bisavô, Henrique VI, no poder: a Guerra das Rosas. A longa disputa monárquica entre as dinastias dos Lancaster e os York durou por volta de trinta anos, tendo como pano de fundo a Inglaterra após a Guerra dos Cem Anos. Kenji Yoshin (2015) afirma que “os elisabetanos temiam o modo como disputas pessoais poderiam degenerar em rixas de sangue”, assinalando como as rixas entre famílias faziam parte do cotidiano inglês.

Nesse sentido, a obra cinematográfica de Zeffirelli é um valioso recurso didático para se utilizar em sala de aula devido à riqueza de informações sobre o cotidiano renascentista. Após a exibição do filme os estudantes podem debater acerca do mesmo com a ajuda





do professor, de forma que percebam na película os processos que envolvem a esfera matrimonial e as disputas de poder na Europa durante o período de transição da Idade Média. A escrita do texto pelos estudantes deve englobar as discussões em sala de aula a respeito dos tópicos, o filme e suas visões acerca dos relacionamentos na contemporaneidade. A proposta pedagógica de elaboração de uma peça teatral permite que os estudantes expressem os conhecimentos construídos em sala de aula de maneira mais criativa.

As inúmeras possibilidades com estas atividades paradigmáticas podem não só estimular os estudantes a se interessarem mais pela matéria, como também, farão com que os mesmos assimilem a era renascentista de maneira natural, como se estivessem vivendo a própria renascença. Essa metodologia lhes proporcionará conhecimento por toda a sua vida acadêmica, pois como dito, tudo o que é naturalmente assimilado se perpetua no tempo, e que de forma contrária, tudo o que é imposto, forçado, tende a se dissipar com o tempo e será esquecido.



Resumo do Filme

Lançado em 1968, dirigido por Franco Zeffirelli, essa obra é considerada a adaptação mais fiel a história de William Shakespeare. Ao decorrer dos anos surgiram diversas releituras da obra de Shakespeare, que conta desde animações como *Gnomeu e Julieta* (2011) quanto *Romeu e Julieta* (1996) que retrata a obra com elementos da atualidade. A história se passa em Verona, cidade Italiana que é o palco de disputa entre as duas famílias rivais da época, os Montecchio e os Capuleto.

O filme traz a história de amor trágico entre os jovens Romeu Montecchio e Julieta Capuleto que se apaixonam perdidamente no momento em que trocaram olhares no baile promovido pelo patriarca Capuleto onde Romeu entra de penetra, para poder vislumbrar





apela bela Rosalina por quem estava enamorado e a mesma se encontrava no baile de máscaras, no entanto ao ver Julieta se perde totalmente em seu brilho. Durante o baile de máscaras, Romeu e Julieta trocam olhares, palavras e no fim um beijo com a promessas que iriam se encontrar. Após o baile os dois começam a se encontrar e trocar juras de amor eterno e estão dispostos a viver este amor mesmo que passem pela rivalidade das duas famílias.

No meio do filme após o casamento dos jovens, realizado secretamente por Frei Lourenço no intuito de acabar com a rixa dos Capuleto e Montecchio, ocorre uma fatalidade, Teobaldo Capuleto, primo de Julieta, enfurecido pelo fato de Romeu ter se infiltrado no baile de seu tio o desafia para um duelo, no entanto por esta ligado com o mesmo por sangue, Romeu recusa o duelo, contudo Mercúrio aceita no intuito de defender a honra do amigo e desafia Teobaldo para um duelo, onde durante o desespero de Romeu para separar os dois, pois era estritamente proibido pelo Príncipe que ocorressem duelos nas ruas de Verona, porém neste momento Teobaldo fere mortalmente Mercúrio que acaba falecendo, ao ver seu amigo sem vida, Romeu desesperado e enfurecido vai até Teobaldo e desafia o mesmo, durante o duelo Romeu acaba matando Teobaldo e foge. Após a morte de Teobaldo Capuleto a rixa das famílias se torna mais densa e o Príncipe de Verona decide exilar Romeu de Verona. Após o anoitecer Romeu aparece no quarto de Julieta e os mesmos consumam o casamento.

Ao saber do ocorrido, Julieta por medo de se casar com Paris e perder seu amado Romeu, parte por ajuda ao Frei Lourenço onde o mesmo prontamente arquiteta um plano que a mesma iria se fingir de morta por meio de uma poção que o Frei iria preparar e não se casaria com Paris e fugiria de Verona com Romeu, todavia a carta que o Frei mandou a Romeu por meio de um mensageiro, explicando o plano não conseguiu chegar ao seu destino e Romeu parte para Verona ao saber da suposta morte de Julieta por seu criado. Ao che-





gar ao mausoléu da família Capuleto, Romeu encontra sua amada supostamente morta e decide dar um fim a sua vida, pois acreditava que Julieta realmente tinha morrido, o Frei chega ao mausoléu e vê Romeu morto e decide levar Julieta para longe, já que os guardas logo chegariam, mas o Frei não consegue levar Julieta consigo e a mesma ao ver seu amado morto pega o punhal de Romeu e se mata. As famílias ao saberem da história de amor dos dois por uma carta de Romeu ao seu pai decidem fazer um acordo de paz.

O diretor Franco Zeffirelli traz uma releitura fiel do clássico de Shakespeare, o filme foi filmado na Itália e insere elementos como as roupas no caso os chapéus e as calças coladas que eram utilizados na época em que o romance ocorreu. As cores das roupas são muito bem utilizadas no caso de Julieta no baile de máscaras, está trajada de vermelho para representar a paixão e ser o foco e cada detalhe inserido como as danças da época e a trilha sonora que se relaciona totalmente com a história trágica de amor.



As adaptações de livros e peças são utilizadas para que o público tenha interesse em buscar ler ou assistir tal obra, já que para um determinado público, as adaptações cinematográficas são mais interessantes. Estas adaptações carregam consigo as visões de seus diretores sobre a obra. No entanto pode ser algo perigoso, pois em Romeu e Julieta a obra perde o total sentido quando é ambientada em um olhar que traz para os dias atuais como *Romeu + Julieta* (1996) de Baz Luhrmann que traz a história trágica para a atualidade, no entanto perde a essência do conto que tem o enfoque no fato que o casamento na época era uma aliança política.



E isto ocorre com Romeu e Julieta. A diversas adaptações que abordam de diferentes maneiras o conto, que é bastante atraente, pois trata de uma história de amor trágica.

Franco Zeffirelli traz uma adaptação extremamente fiel a obra original, pois nesta adaptação Zeffirelli tem um cuidado enorme no





figurino, nas locações e na linguagem utilizada durante o longa. Durante a obra o figurino é um dos aspectos que mais se chama atenção pelo fato de Zeffirelli ter tido um cuidado enorme na escolha do mesmo, já que é extremamente fiel ao tempo que se passa a obra, o uso das cores para deixar o filme ainda mais vivido e das roupas da época, deixa o filme belo. outro aspecto que devo salientar é a escolha das locações onde foram filmados o filme, que conta com algumas cidades italianas e esta escolha deixa a adaptação ainda mais fiel à obra.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Thiago de. **O percurso do amor romântico e do casamento através das eras**. In: I Encontro Regional de História Social e Cultural, 2007, Recife - PE. Anais eletrônicos do I Encontro Regional de História Social e Cultural. Recife - PE, 2007. Disponível em: <[https://www.academia.edu/1020482/O_percurso_do_amor_rom%C3%A2ntico e do casamento atrav%C3%A9s das eras](https://www.academia.edu/1020482/O_percurso_do_amor_rom%C3%A2ntico_e_do_casamento_atrav%C3%A9s_das_eras)>. Acesso em: 17 nov. 2019.

DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. Vol. I. Editorial Estampa: São Paulo – 1994.

DIANA, Daniela. Romeu e Julieta. In: **Toda Matéria**, 30 set. 2017. *E-book*. <https://www.todamateria.com.br/romeu-e-julieta/>.

KARNAL, Leandro. **#3 Amor - Shakespeare: Um olhar contemporâneo**. 2018. (19min12s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FfLMStTvJbk>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Renascimento nas artes, desenvolvimento cultural na Idade Moderna. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/renascimento-nas-artes-desenvolvimento-cultural-na-idade-moderna.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Trad. Beatriz Viégas-Faria, Porto Alegre: L & PM, 1998. (Col. L & PM Pocket, 130).





SACHETE, Andréia; BRISOLARA, Valéria. Romeu e Julieta de Shakespeare Revisado por Zeffirelli e Luhrman. **Revista Rascunho**, UFMS, v. 4, n. 7, p. 173-186, 4 nov. 2016. Disponível em: http://revisitarascunhos.sites.ufms.br/files/2016/04/11ed_artigo_11.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. Revisão técnica Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

YOSHIN, Kenji. **Mil vezes mais justo: o que as peças de Shakespeare nos ensinam sobre a justiça**. Trad. Fernando Santos, São Paulo: Martins Fontes, 2015.





A arte de governar: *Elizabeth I* pelo olhar de Maquiavel

Flavia Peres Ramalho¹⁴

Natasha da Silva Fernandes¹⁵

Apresentação da Proposta

Pretende-se com esse texto ponderar a relação entre arte cinematográfica e ensino de História. No primeiro momento, reflete-se acerca das transformações da sociedade durante os tempos líquidos, que, conseqüentemente, influencia no modo de se fazer história, bem como no processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, tem-se como objetivo a elaboração de um conteúdo paradidático destinado aos profissionais que atuam na área da Educação e que se interessam na utilização do cinema em sala de aula. Dessa forma, como metodologia, será feito uma esquematização de uma aula sobre História Moderna a partir do filme “Elizabeth” com algumas sugestões de manipulação do cinema no saber-fazer docente.

A globalização e o ensino de História

Em um mundo altamente globalizado, no qual o avanço tec-

14 Graduada em História pela Universidade Federal de Rondópolis.

15 Graduada em História pela Universidade Federal de Rondópolis.





nológico se deu de forma desenfreada, dá-se início ao “derretimento dos sólidos”¹⁶. Há, com isso, diversas transformações sociais percebidas, por exemplo, na extrema fluidez das relações. Como os indivíduos que constituem o espaço escolar fazem parte dessa sociedade moderna, tais mudanças também podem ser notadas no âmbito educacional.

Nos últimos anos, os livros e métodos tradicionais já não têm sido tão eficientes para prender a atenção de crianças e jovens. Desse modo, faz-se necessária a utilização de recursos provenientes dessa modernidade de forma adequada. Ou seja, não apenas como mera ilustração superficial, possível tendência diante da instantaneidade das experiências nesse novo formato de sociedade. Conforme indicado por Leandro Karnal (2007, p. 9), “Que seja dito e repetido à exaustão: uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais.”

O uso do cinema é precioso nesse contexto, uma vez que é alta a taxa de consumo cinematográfico da indústria, cada vez mais tendo crianças e jovens como público alvo.¹⁷ Além disso, a utilização fílmica pode ser uma excelente ferramenta educativa por fazer parte do cotidiano da maioria das pessoas, já que o acesso às obras audiovisuais foi amplamente facilitado pela difusão da internet. Portanto, o/a professor/a pode se apropriar desse veículo cultural para aperfeiçoar suas aulas, tendo objetivos e métodos coerentes.

16 Termo cunhado pelo autor Zygmunt Bauman. Ver mais em: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

17 Embora os autores abordem em suas discussões entre o aumento significativo do contato entre a criança e a mídia, essa reflexão também é válida para o cinema. Para mais informações consultar: FEILITZEN, Cecília Von; CARLSSON, Ulla (orgs.). **A Criança e a Mídia**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2002.





Durante muito tempo as fontes históricas, objetos manuseados para a elaboração das aulas, estavam exclusivamente destinadas à documentação oficial, ou seja, somente aquelas produzidas por instituições oficiais do sistema vigente. Entretanto, segundo Le Goff (1994, p. 530), a partir da Escola dos *Annales*, deu-se início a uma nova possibilidade de se fazer História. Essa nova corrente historiográfica incorporou em seu método a utilização de muitas outras fontes de pesquisa e ensino, como por exemplo, o próprio cinema.

O processo de aprendizagem não depende somente da figura do/a profissional da educação, mas também do/a estudante, que precisa querer aprender para que a aprendizagem seja significativa¹⁸. Conforme Karnal (2007), esse desejo deve ser estimulado pelo/a docente, através de um ensino que tenha equilíbrio na prática da alternância entre aulas dinâmicas e tradicionais. É necessário considerar que ambas devem instigar o fazer histórico enquanto disciplina escolar, diante da responsabilidade com a formação cidadã dos/as estudantes.

Diante do exposto, a problemática é que muitos professores, por não saberem como utilizar tal ferramenta em suas aulas, muitas vezes deixam de integrá-las em suas propostas. Dessa forma, apropriar-se desses recursos proporcionados pela modernidade é fundamental para a modernização do ensino que, nesse sentido, precisa acompanhar as transformações da sociedade. Sendo assim, esse trabalho se faz necessário, já que esse conteúdo paradidático tem como objetivo auxiliar os docentes para melhor aproveitamento do uso ci-

18 Por não se tratar do foco desse trabalho, esse conteúdo não será apresentado detalhadamente aqui. Entretanto, na obra, os autores dedicam alguns capítulos no tocante a relação entre Educação e Psicologia, bem como teorias que permeiam o processo de aprendizagem e de ensino. Ver mais em: BOCK, Ana Mercês Bahia; FORTADO, Odair; TEXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.





nematográfico.

Ponderações Teóricas

Quando Elizabeth I assume o trono após a morte de sua meia irmã – Maria I – em 1558, o Estado, que nesse contexto é considerado um patrimônio real, estava intensamente fragilizado. A manutenção desse bem, no período em questão, dependia de acordos políticos diplomáticos, especialmente o casamento, que era absolutamente repudiado por Elizabeth. Além disso, havia a constante ameaça da França e da Espanha, uma vez que os territórios também eram definidores de poder, sendo sua manutenção, ampliação ou perda definida em batalhas¹⁹.

Ademais, sem exército, marinha e dinheiro, o desafio para Elizabeth se manter no poder era ainda maior pelo fato de ser protestante. A Igreja Católica teve sua influência consolidada durante o governo de Maria I, que ficou conhecida como “Maria Sanguinária”, por promover intensas perseguições aos protestantes (SKINNER, 1996, p. 466). Com isso, a Igreja se viu ameaçada com a presença de Elizabeth e não poupou esforços para prejudicar a nova rainha em todos os meios possíveis.

Dessa forma, Elizabeth I tem uma grande dificuldade para governar no início de seu reinado. Cabe o/a professor/a questionar em sala como ela conseguiu se manter 44 anos no poder diante desse contexto desfavorável. Sua atuação, a princípio, estava bastante orientada por sua vida particular, até que o próprio cotidiano e as experiências evidenciaram que, sendo uma figura política, a rainha deve ter um comportamento que contemple os interesses do Estado. Apesar da tentativa em manter uma postura amável, em conformi-

19 Sobre a estrutura do absolutismo, ver: ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. Tradução: João Roberto Marins Filho. São Paulo: Brasiliense, 2004.





dade com a moral cristã, esse caminho não proporcionou a estabilidade necessária, além de aumentar a vulnerabilidade de seu reinado.

Nicolau Maquiavel (1983) em seu livro de conselhos “O Príncipe”, apresenta um conjunto de reflexões sobre o comportamento do governante para instruí-lo a parecer já ter uma longa permanência no poder. Para tanto, deve ser capaz de garantir primeiramente sua proteção e vigor pessoal, enquanto paralelamente assegura a estabilidade e defesa de seus súditos. Assim, segundo esse autor, o governante deve ser ativo e criativo, garantindo a lealdade através das relações de dependência.

E há que se compreender que um príncipe, sobretudo o príncipe novo, não pode observar todas as coisas pelas quais os homens são chamados de bons, precisando muitas vezes, para preservar o Estado, operar contra a fé, contra a caridade, contra a humanidade, contra a religião. Porém é necessário que ele tenha um espírito disposto a voltar-se para onde os ventos da fortuna e a variação das coisas lhe ordenarem; e, como se disse acima, não se afastar do bem, se possível, mas saber entrar no mal, se necessário. (MAQUIAVEL, 1983, p. 79)

A presença do conselheiro *Sir Francis Walsingham* é um aspecto importante para essa análise, já que suas sugestões respeitam a posição da rainha ao mesmo tempo em que estimulam uma nova postura. Ao indicar a necessidade da mudança no comportamento, pode-se notar proximidade com o que foi apontado por Quentin Skinner (1996, p. 206), “Maquiavel invariavelmente vê o mundo da política como aquele em que os métodos racionais do legislador precisam ser sempre completados pela ferocidade do leão e a astúcia da raposa.” Assim, ao se apropriar de um importante elemento para a mentalidade da época, a Virgem Mãe, Elizabeth se consolida no poder.

Todavia, aconselhando-se com mais de um, o príncipe





que não for sensato nunca chegará a um consenso das opiniões, não saberá articulá-las por sua própria conta; **quanto aos conselheiros, cada qual pensará em seu interesse particular**, e o príncipe não saberá corrigi-los nem entendê-los: e não pode ser de outro jeito, porque os homens sempre lhe parecerão maus se por alguma necessidade não se tornarem bons. (MAQUIAVEL, 1983, p. 95, grifo nosso).

Maquiavel enfatiza a manutenção das aparências, indicando que o governante deve parecer virtuoso, ainda que não o seja de fato. Sendo essa a principal forma de garantir fama, glória e honra, é sugerido que o governante direcione sua atenção aos seus objetivos, adequando suas ações conforme for conveniente para manutenção de seu poder. Dessa forma, a liberalidade, a clemência e a fidelidade à palavra dada são observadas por outro ângulo. O que é considerado vícios para outros autores do período, Maquiavel apresenta, também modificando o modo de analisar, que a avareza, astúcia e até mesmo atitudes contrárias à religião são necessárias para a manutenção do governo.

Assim, Maquiavel propõe a flexibilidade na conduta do príncipe como algo de imensa importância. Considerando virtudes não apenas as tradicionalmente caracterizadas como “boas”, ele ultrapassa a visão dual de crueldade e piedade, propondo que ser apenas uma coisa ou outra pode acabar com o poder do governante, devendo assim, o príncipe ser capaz de identificar o melhor modo de agir.

A partir dessas indicações, vale ainda mencionar que a utilização do filme em sala de aula deve ser executada de modo planejado e concernente ao conteúdo que será abordado, bem como objetivando atender as competências exigidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desse modo, é recomendado que o docente utilize cenas que melhor exemplifique a ideia abordada, uma vez que o filme, dependendo da carga horária, pode tomar a aula inteira e deixar





a turma dispersa.

Reflexões sobre as cenas

Cena 1 (31:15 – 32:10)

Após a cerimônia do coroamento de Elizabeth I e posse do Estado, essa primeira cena, já no que se assemelha ao aposento real, demonstra alguns funcionários auxiliando-a na retirada de joias (Figura 1). Entretanto, o foco de maior interesse diz respeito ao diálogo entre a recém rainha, o conselheiro e um dos membros do parlamento (Figura 2). Trata-se de uma contextualização dos assuntos do governo, esse trecho, a partir do diálogo, explicita a situação econômica da Inglaterra no momento de posse da rainha. O conselheiro, cuja fisionomia aparenta possuir certa sabedoria, informa-a sobre os assuntos do governo: que herdou um Estado enfraquecido e que sofre ameaças de outros países como a Espanha e a França.



Figura 1: Elizabeth sendo auxiliada pelos seus súditos.

Fonte: Captura de tela extraída do *site Netflix*.





Figura 2: O conselheiro e o parlamentar instruindo a rainha sobre assuntos do Governo.

Fonte: Captura de tela extraída do *site Netflix*.

Além disso, o parlamentar salientou algumas informações e declínio no âmbito bélico, como a ausência de tesouros, o exército fraco, a marinha decadente e a fortaleza inoperante, incapaz de resistir algum ataque externo. Em seguida, ela argumenta que não deseja guerrear. Contudo, os problemas não estavam restritos ao exterior como também internamente e, por isso, o conselheiro informa que muitas pessoas desejam o mal da rainha. E cita alguns personagens que podem ameaçar o governo dela, como Maria de Guise e Duque de Norfolk.

O conselheiro ainda a lembra que enquanto não se casar e gerar um herdeiro, a rainha não possuirá nenhuma segurança, portanto, seu governo e a própria vida correm perigo. É importante destacar a postura da rainha mediante aos problemas colocados por seus súditos, nesse primeiro momento, aparentava não dar muita impor-





tância ao que lhe era relatado.

A partir desse recorte, é possível fazer um paralelo entre a inexperiência da rainha e os conselhos de Maquiavel, pois se percebe que ela não demonstrava interesse quanto às indicações do conselheiro e do parlamentar sobre os assuntos que envolvem o governo e a manutenção do poder.

Cena 2 (1:37:47 – 1:39:00)

Logo após demitir o conselheiro e proclamá-lo lorde Burghley, para que desfrute de sua aposentadoria com conforto, dá-se início a uma das cenas mais importantes do filme. Elizabeth I recebe *Sir Francis Walsingham* que em sua fala, gentilmente solicita permissão para expressar algumas recomendações (Figura 3).



Figura 3: Elizabeth escutando atentamente os conselhos de Walsingham.
Fonte: Captura de tela extraída do *site Netflix*





Nesse sentido, pode-se interpretar que tais conselhos são estratégias para se manter próximo a rainha e, conseqüentemente, ocupar um lugar de prestígio. É importante destacar esse aspecto para atingir o objetivo de estimular a percepção da sutileza das ações por trás astúcia política. Além disso, já é possível identificar a transformação das atitudes de Elizabeth, uma vez que escuta com atenção a fala do conselheiro e mantém seu olhar firme.

Portanto um príncipe deve aconselhar-se sempre, mas apenas quando ele quiser, e não segundo a vontade de outros; aliás, ele deve demover qualquer um que pretenda aconselhá-lo sem ter sido consultado; e há de ser largo nas perguntas e, acerca do que foi indagado, ouvir pacientemente as verdades; aliás, caso note que alguém por algum motivo as omite, deve mostrar-se irritado (MAQUIAVEL, 1983, p. 94).



Dando continuidade as sugestões, Walsingham se apropria de conceitos elaborados por Maquiavel para tratar da arte de governar. Sendo assim, indica que a rainha não deve se sentir culpada por atos considerados perversos, haja vista que são necessários à preservação de si e do Estado. Sugere ainda que deve internalizar essas virtudes, a fim de enfrentar as pessoas que oferecem alguma ameaça, mesmo as mais próximas.



Em seguida, relata algumas informações que possuía, tais como a presença de um padre estrangeiro que trazia consigo cartas diretamente de Roma para aqueles que conspiram contra a rainha. Além disso, precavê-la sobre o aumento da influência de Norfolk, bem como sua estratégia de formação de alianças a fim de construir um exército superior ao da Inglaterra. É fundamental que o/a professor/a evidencie a mudança do comportamento da rainha, ou seja, se no primeiro momento não dava muita importância para as ameaças ao seu governo, nesse trecho ordena a prisão não apenas do padre, mas também daqueles que o receberam.





Cena 3 (1:52:54 – 1:54:20)

Em uma Igreja, a rainha faz um desabafo diante de uma imagem da Virgem Maria. Com muita emoção ela afirma que eliminou os inimigos da Inglaterra, no entanto se vê angustiada em relação ao que deve fazer em seguida (Figura 4). Cabe mencionar também que, no início de seu reinado, oferecia certa resistência a violência. Contudo, ao longo de seu governo foi percebendo que para se tornar uma boa governante e se manter no poder era necessário se apropriar de algumas condutas, expondo as virtudes esperadas de uma rainha, mesmo que fossem divergentes aos seus princípios.



Figura 4: Angustiada, a rainha chora diante da imagem da Virgem Mãe.

Fonte: Captura de tela extraída do *site Netflix*.

Ademais, essa cena é importante, visto que se trata do momento em que ela se adapta a perspectiva católica, isto é, inspira-se na Virgem Mãe para fortalecer sua imagem (Figura 5). O *Sir Francis Walsingham* destaca que o povo necessita de algo superior, que, no entanto, não o oprima. Dessa forma, “O principal mérito do povo





passa a residir em sua característica tendência a uma benigna passividade.” (SKINNER, 1996, p. 146), desde que o governante não interfira excessivamente em seus bens e honra.



Figura 5: Elizabeth se inspira na representação da Virgem Mãe.

Fonte: Captura de tela extraída do *site Netflix*.

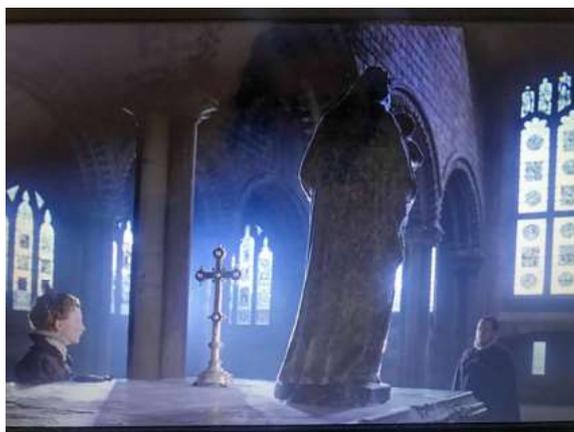


Figura 6: Walsingham aconselhando a rainha diante da imagem da Virgem Maria.

Fonte: Captura de tela extraída do *site Netflix*.





Walsingham afirma que “Os homens precisam de algo superior a eles para que possam respeitar e adorar. Eles precisam tocar no divino... Aqui na terra [...]”²⁰. Em seguida, Elizabeth destaca o poder da Virgem Maria sobre os homens e o conselheiro enfatiza que o povo não possui nada que supra a falta dela (Figura 6). Posteriormente, ela seria conhecida como a rainha virgem, consolidando-se com honra, glória e fama.

Considerações Finais

Com esse material paradidático é possível provocar interessantes debates sobre a modificação das ações da rainha Elizabeth durante seu reinado, tendo como base as concepções de Nicolau Maquiavel e as reflexões de Quentin Skinner nas obras devidamente indicadas. Além disso, ao promover a observação dos desdobramentos políticos, culturais e econômicos dos conflitos religiosos entre protestantes e católicos na Inglaterra, estimula-se o exercício da análise histórica. Ademais, essa proposta pedagógica ainda permite despertar a capacidade de criticidade diante de personagens políticos não apenas do passado, bem como do presente.

Dessa forma, trata-se de um material muito útil para a preparação de aulas. No entanto, é válido destacar que o uso do filme “Elizabeth” possui ainda outras possibilidades de análise que não foram contempladas, sendo importante que o/a professor/a esteja disposto/a a buscar aquilo que for relevante para seu exercício docente. Observa-se assim, a amplitude das alternativas de investigação proporcionadas pelo uso de filme em sala de aula.

20 *Elizabeth*. Direção de Shekhar Kapur. Reino Unido: Working Title Films, Poly Gram Filmed Entertainment, Film Four Ltd, 1998. 124 min. Trecho: 1:53:11 – 1:53:32. Disponível em: <https://www.megahfilmeshd.net/filme/elizabeth/>.





Plano de Aula

FOCO: Ensino Fundamental e Médio

TEMA: A arte de governar: Elizabeth I pelo olhar de Maquiavel

RECURSOS DIDÁTICOS:

Computador, projetor e caixa de som;

Filme “Elizabeth”, disponível em DVD, na *Netflix* e no *site* <https://www.megahfilmeshd.net/filme/elizabeth/>

Livro “O Príncipe” de Maquiavel;

Capítulos cinco e dez do livro “As fundações do pensamento político moderno”, de Quentin Skinner.

OBJETIVOS:

Refletir sobre o contexto que influenciou a transformação do comportamento da rainha Elizabeth durante seu reinado, utilizando a perspectiva indicada por Maquiavel em seu livro de aconselhamento, “O Príncipe”;

Estimular a criticidade diante de personagens políticos;

Interpretar os impactos políticos, culturais e econômicos dos conflitos religiosos entre protestantes e católicos na Inglaterra.

METODOLOGIA:

No primeiro momento da aula serão retomados os principais aspectos que influenciaram a conduta da rainha Elizabeth, levando em consideração os pressupostos de Maquiavel sobre as atitudes que um governante deve ter para se manter no poder. Dessa forma, pretende-se abordar os principais conceitos contidos nos textos de Skinner e Maquiavel.





A partir do texto de Skinner, embora o foco seja na formulação do pensamento dos princípios do luteranismo, é possível perceber os conflitos entre protestantes e católicos. Sendo assim, pretende-se abordar alguns impasses religiosos proporcionados pela tensão do surgimento dessa nova fé que se opunha a hegemonia católica.

Ademais, utilizando o segundo autor citado, serão apresentados alguns dos conselhos sugeridos por Maquiavel aos governantes a fim de preservar a manutenção do poder, como cultivar algumas virtudes. Por esse viés, o autor salienta que mais do que possuir as virtudes cristãs e morais, o governante deve aparentar tê-las, fazendo o uso da retórica conforme lhe for conveniente (SKINNER, 1996, p. 152).

Após retomar as ideias de Skinner e apresentar os conceitos de Maquiavel, deve-se ocupar uma parte da aula para possíveis dúvidas. Em seguida, será feita uma breve apresentação a respeito da rainha Elizabeth, protestante e última governante da dinastia Tudor. Para melhor compreender a conjuntura do momento em que assumiu o trono, é importante destacar sua antecessora Maria I, meia irmã de Elizabeth e católica fervorosa que determinou a perseguição aos protestantes (SKINNER, 1996, p. 466).

Dessa forma, será feita a contextualização do filme “Elizabeth”, sendo apresentados os trechos 31:15 – 32:10; 1:37:47 – 1:39:00 e 1:52:54 – 1:54:20, uma vez que em apenas uma aula não é possível exibir todo o filme. Cabe, nesse momento, mencionar a consonância entre os textos sugeridos e o filme que demonstra quais as orientações para manutenção do poder e a própria segurança. Assim como parte da película evidencia o conflito entre católicos e protestantes, à medida que o próprio padre ameaça a vida da rainha.

É possível perceber isso nas atitudes de Elizabeth, dado que, a priori, a rainha possuía uma conduta pacífica, exemplificada pela resistência a guerra, bem como ao casamento. Aspectos que torna-





vam vulnerável sua permanência no poder, ainda mais fragilizado pela falta de apoio do parlamento e de um exército forte. No entanto, diante das experiências e com a orientação de *Sir Francis Walsingham*, Elizabeth passa a ter um conjunto de ações que condizem com os conselhos para governantes conforme Maquiavel.

Por fim, deverá ser fomentado um debate sobre o filme e o conteúdo abordado: um governante deve ser amado ou temido? Para tanto, a turma deverá ser dividida em dois grupos: amado e temido, segundo a opinião de cada um. Nesse momento, é importante que o/a professor/a conduza a discussão, de modo que estabeleça relações passado/presente refletindo com os estudantes sobre exemplos de comportamento de algumas figuras políticas.

Nessa perspectiva, objetiva-se que os estudantes, a partir dessa aula, possam ter um olhar mais crítico a respeito das questões políticas. E, sobretudo, sejam capazes de analisar, além das aparências dos governantes, seus interesses em permanecerem no poder. Podendo ainda estender esta criticidade para outras figuras sociais.

AValiação:

A avaliação será primeiramente formativa, acontecendo paralelamente à aula. Também será considerada a participação ativa no debate, a integração entre os/as estudantes, a capacidade de assimilação, síntese e exposição de informações. Além de outros critérios estabelecidos pelo/a docente conforme as particularidades da turma em que a aula será ministrada.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. Tradução: João Roberto Marins Filho. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.





BOCK, Ana Mercês Bahia; FORTADO, Odair; TEXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

Elizabeth. Direção de Shekhar Kapur. Reino Unido: Working Title Films, Poly Gram Filmed Entertainment, Film Four Ltd, 1998. (124min). Disponível em: <https://www.megahfilmeshd.net/filme/elizabeth/>.

FEILITZEN, Cecília Von; CARLSSON, Ulla (Orgs.). **A Criança e a Mídia**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2002.

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e memória**. Campinas: EDUCAMP, 1994.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe** – Escritos políticos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.





Possibilidades de usos pedagógicos do filme *Rainha Margot*

Luiz Felipe Silva Gischewski²¹

Márcio Dias Amaro²²

Sandra da Silva Melo Cezimbra²³

Introdução

O texto em destaque será uma abordagem didática de cunho pedagógico para ser trabalhado em sala de aula, ou seja, uma fundamentação metodológica de professor para professor. Essa sequência didática terá como enfoque uma breve introdução aos estudos sobre os movimentos reformistas iniciados no século XVI, tendo inicialmente Martim Lutero como protagonista e que subsequentemente suas ideias de rompimento dos dogmas da igreja católica movimentaram e despertariam várias ideias de cunho reformista que passariam de geração a geração, assim movimentando milhares de adeptos de cunho ideológico e religioso.

Sendo assim utilizaremos o filme à rainha Margot do diretor

21 Graduação em História pela Universidade Federal de Rondônia.

22 Graduação em História pela Universidade Federal de Rondônia.

23 Graduada em História pela Universidade Federal de Rondônia.





Patrice Chéreau, sequência essa que retrata um momento de virada histórica na Europa, mas que ao mesmo tempo ainda persistem os conflitos entre católicas e reformistas. O filme em si retrata uma França em constante conflito ideológico e que para amenizar tais conflitos seria proposto um casamento entre a princesa católica Marguerite de Valois e o rei protestante Henrique de Navarre, mas que ao contrário acaba resultando em um forte estopim sendo esse na morte de vários protestantes, fato esse que ficaria conhecido como noite de São Bartolomeu, e que acentuaria mais ainda os conflitos entre os grupos. Sobre o filme iremos fazer uma análise crítica em um enfoque sobre há uma melhor compreensão do período destacando não só do fator religioso que foi de extrema importância, mas como também englobou e influenciou todo um processo sócio e político da época.

As cenas que o recomendados que o professor pode problematizar, são referente e análise de aspectos chaves do filme como a fundamentação do casamento entre-as famílias católicas e protestantes, sendo isso há um condicionador a todo um contexto de luta social e interesses políticos perante aos aspectos religiosos, outro ponto que iremos analisar no decorrer do corpo do texto seria o massacre de São Bartolomeu, que previamente mostraria todo um fator simbólico e que apontaria características de disputas políticas e religiosas que já vinham sendo fomentadas ao longo do tempo, seguindo nessa narrativa no minuto 1h:06min trabalharemos com os estudantes, o questão do vínculo religioso referente a análise da mentalidade cristã, na época e como isso influenciou todo um processo de ruptura aos preceitos cristãos , nessa cena em específico o Rei Henrique é capturado e forçado a abdicar do protestantismo e reintegrar ao catolicismo.

Outro tema a ser discutido que o professor também poderá estar trabalhando em sala de aula, seria referente aos aspectos na transição de um período a outro e que condiciona na questão sobre “mo-





dernidade política”. Nos minutos (1h:06min, 1h45min, 1h50min) o rei da França Henrique IV de Navarra, articula todo um meio de ações que condicionam em sua maior parte, em manobras de vertentes políticas e que mais tarde resultaria na sua ascensão para se tornar rei, nessa perspectiva o professor pode-se estar utilizando das ideias de Maquiavel como fonte de auxílio para contextualizar melhor a ideia apresentada. Assim partindo desse olhar na perspectiva de Maquiavel, o meio está fundamentado nos princípios efetivos das forças, e que esta muda constantemente a favor ou contra (*virtu*).

O seu herói era ainda o *vir virtutis*, e eles continuavam insistindo em que a ambição mais adequada a uma personalidade heróica consistia em almejar o mais elevado grau de honra, glória e fama (cf. Kontos, 1972, pp. 83-8). Os humanistas dessa época até acentuaram a ênfase deposta nessas convicções já tradicionais, uma vez que costumavam considerar o príncipe alguém capaz de atingir uma *virtus* quase insuperável. Patrizi proclama, no cabeçalho de um de seus capítulos, que “o rei deve fundar sua glória em seus feitos”, e jamais põe em dúvida que a glória deva ser tida como “a máxima recompensa que se possa dar ao exercício da *virtus*” (SKINNER, 1996, p. 139.)

Assim em sala de aula o professor poderá estar problematizando as constantes disputas de poderes pelo trono ao mesmo tempo fazendo um paralelo com a questão de poder ressaltada por Maquiavel, ou seja, fazendo uma breve comparação com os aspectos que estão no filme a rainha Margot e na obra: *O Príncipe*, de Maquiavel.

O uso do cinema como material didático pedagógico em sala de aula

O uso do cinema em sala de aula tem como objetivo despertar, incentivar e chamar a atenção dos estudantes para um modo de pesquisa que seja diferente daquele já estabelecido como um meio





convencional sendo esse o uso do livro didático entre outros, assim parte-se do princípio que o uso dessa ferramenta propriamente ministrada e coordenada pelo professor, instiga uma maior capacidade de leitura reflexiva e crítica dos estudantes. Assim o uso desse recurso aproxima a teoria e prática de um contexto maior que possibilite ao estudante que ele estabeleça essa relação entre passado-presente condicionando um mecanismo mais convidativo para que contribua no aprendizado do mesmo. Essa linguagem de análise visa tanto para o historiador como também para o professor meios que condicionem a uma aproximação daquele fato histórico estudado ou seja usado como um meio de representação e reinterpretação daquele acontecimento.

O caráter representativo de um filme permite enxergar a realidade percebida e interpretada, que é considerada uma fonte importante para o trabalho historiográfico. (WAI-TE, 2014, p. 2)



Esse método de análise se propõe para que possa possibilitar para o professor em sala de aula novas formas de se enxergar o conteúdo de história, assim se propondo usar o filme como uma espécie de documento histórico viabilizando uma narrativa que vincula conceitos, valores: (sociais, políticos e econômicos), características físicas ou do próprio comportamento dos personagens e como em alguns casos vai-se notando essa mudança de mentalidade do mesmo. Em outro paralelo pode se analisar individualidades que o próprio ambiente em si quer nos passar várias informações para o leitor que está acompanhando a cena, ou seja lugares (mais abertos ou fechados), moradias e suas estruturas, perspectivas geométricas, são características que em um âmbito geral proporcionam para o telespectador ações que se trabalhadas nos propõem reflexões críticas sobre o mesmo. Assim essas mesmas características reflexivas se trabalhadas em sala de aula mediante a apontamentos e observações do professor abra “caminhos” para que os estudantes por seu próprio





processo narrativo e reflexivo se cheguem a aquele entendimento ou seja mensagens que o próprio filme quer passar possibilitando que o mesmo faça esse link entre o conteúdo estudado em sala de aula mesmo trabalhe, assim a metodologia se abre para uma novas abordagens para estar além de uma narrativa escrita em si.

Além de “documentários históricos”, feitos com referenciais arquivísticos, os “filmes de história” são muito importantes para o estudo das relações historiográficas. As representações e concepções de um filme histórico revelam a história não só como objeto de conhecimento, mas também como campo, onde se desdobra o interesse de resgate e propagação de uma memória histórica dentro de uma determinada sociedade. (WAITE, 2014, p.3)

Disputas religiosas, lutas pelos poderes políticos e o meio de resistência



Em 1529 pela revogação dos direitos adquiridos dos Luteranos pelo rei Carlos IV do Sacro império Romano Germânico, iniciou se um processo jurídico no qual, por meio de brechas nos direitos canônicos surgiu a possibilidade de resistir e posteriormente tornou se em um dever de resistir.

Com este contexto a Europa está em caos pelos constantes conflitos entre católicos e protestantes, a França perdeu seu rei Henrique II subindo ao trono por um ano Francisco II que morreu deixando seu irmão mais novo coroado aos 10 anos Carlos IX em 1560, e o controle real do poder com sua mãe a Rainha Catarina de Médicis, em 1572 o chefe dos protestantes o almirante Coligny tem a confiança do rei, tentando induzir uma guerra com os católicos espanhóis, causando conflitos com a Família Real, pela influência que Coligny exerce, para abrandar o ódio Catarina proponha uma aliança para a paz, o casamento de sua filha Margarida de Valois, (tratada como





Margot no enredo), com Henrique de Bourbon o rei de Navarra [Navarra hoje fazendo parte do Território Espanhol, divisa com a França(Figura 1)] seu primo protestante.

Na primeira parte do filme que apresenta o histórico antes do próprio filme, neste histórico vale ressaltar que o professor deveria pausar o vídeo e enriquecer o texto do filme explicando mais sobre a família real da França como sucedeu a morte dos dois últimos reis o país de Margot e seu irmão mais velho.

Após introduzir os reis seguiria o filme, segundo reprodução do site YouTube a partir do tempo 3 min. 9 s. demonstra a superlotação da cidade de Paris. Em 18 de Agosto milhares de protestantes vieram de suas províncias, e invadido Paris para a festa de casamento, e se misturando aos católicos, sendo tomado como um ato de provocação pela cidade que já estava à beira de um colapso.

A Partir de 5 min. e 24 s. inicia o casamento de Margot com Henrique, demonstrando uma clara resistência de Margot ao casamento, sendo forçada a aceitar pelo seu irmão o rei Carlos IX, enfatizando que para Margot era um casamento arranjado como era comum na época, só que com um noivo que representava tudo que sua família queria eliminar um reformista protestante que representava que seria tratada como seu futuro esposo com desprezo, só que dos dois lados pois era uma católica casada com um reformista protestante. E por isto durante todo o filme será demonstrado um movimento de Margot de resistência e de julgada.

Das festanças do casamento podemos destacar a divisão das vestimentas claramente para efeito de dividir católicos e protestantes, mas levando em conta a cena podemos destacar as da festa mostrando as brincadeiras que as mulheres da época fazia e os jogos de luta para os homens demonstrando a confraternização de um casamento, mas em relação aos recém casados eles se mantêm distantes convivendo com seus determinados grupos, demonstra a total não





comprometimento dos noivos para o casamento, pois Henrique é convidado a passar lua de mel com uma senhora interessada a Baronesa Charlotte de Sauves, já Margot está à procura de candidatos para passar sua lua de mel.

Na próxima cena aos 15 min. e 12 s. demonstra uma discussão em que Gaspar II de Coligny fomentar uma guerra armada contra os espanhóis, tentando planejar estratégia e convencer a participação dos aliados os protestantes e católicos.

Nos próximos minutos as 17 e 3 s o rei católico Carlos IX discute com Coligny dizendo que ele vive influenciando, lhe contando palavras, chegando à conclusão que com sua ajuda ele se libertou da mãe que o controla. Esta cena demonstra a importância de um conselheiro em um reino, pois ele influencia nas ações de um rei demonstrando a importância do cargo que exercia Coligny em relação ao reino já que o rei tinha um conselheiro protestante que substitui o lugar que já fora de sua mãe Catarina de Médicis.



A partir do minuto 20 e 23 s aparece a rainha Catarina de Médicis contratando um matador de aluguel para matar Gaspar II de Coligny, demonstrando a intensa disputa de poder na corte pois Catarina queria de volta seu lugar que fora tomado, a arma do crime seria uma que o pistoleiro recebeu do duque de Duque de Guise Francisco II primo de Henrique de Navarra.

Um das questões de grande impacto se referente ao massacre de São Bartolomeu, e que seu pano de fundo englobava situações políticas e religiosas. Religiosas pois seria uma forma de utilizar o casamento entre as famílias protestantes e católicas que foi aberta ao público numa forma minimizar os conflitos, e política tratado de paz sobre eles. No entanto no papel o discurso de amenizar os conflitos era um fator, mas só que na prática não ocorreu nesses aspectos, pois com a morte Barão Gaspar, mandado pela rainha católica Caterina Médici, o rei Carlos IX se vê obrigado a autorizar o massacre dos





protestantes se prevenindo de uma retaliação pela morte do Barão Gaspar. O professor nessa cena em específico pode-se trabalhar a questão dos movimentos radicais que se perpetuavam na Europa como no caso do calvinismo, outro fator seria nas jogadas políticas e religiosas feitas por baixo dos panos pela mãe de Margot, Catarina de Médicis, e também outro fator seria sobre como a igreja se posicionou perante ao massacre, destacando questões como dogmas e ideologia, até uma breve contextualização sobre o tribunal de santo ofício.

Questões sociais, políticas e o papel da mulher no contexto geral

Na carta escrita por Locke (1689), ele esclarece de forma clara a diferença dos poderes exercidos pela religião e pelo Estado, uma vez que, Estado que espana a concepção de comunidade, que refere a sociedade formada pelos homens, cuja constituição visa apenas a preservação e melhorias que são relacionadas aos bens civis que seriam a própria vida, a liberdade, saúde física, entre outras Igreja e Estado, desde os primórdios da existência humana, têm sido influentes diretos na vida das sociedades. Mesmo depois de tantos séculos, ambos ainda continuam presentes na vida cotidiana da sociedade mundial. A intolerância religiosa ainda se mantém forte, mesmo que perante a constituição brasileira, o Estado sendo laico, ainda assim ela se faz presente e gera a discriminação, a violência, e em muitos casos, a morte.

[As pessoas] não podem camuflar sua perseguição e crueldade não cristãs com o pretexto de zelar pela comunidade e pela obediência às leis; e que outros, em nome da religião, não devem solicitar permissão para a sua imoralidade e impunidade de seus delitos; numa palavras, ninguém pode impor-se a si mesmo ou aos outros, que como obediente súdito de seu príncipe, quer como sincero venerador de Deus: considero isso necessário sobretudo para





distinguir entre as funções do governo civil e da religião, e para demarcar as verdadeiras fronteiras entre a Igreja e a comunidade. Se isso não for feito, não se pode pôr um fim às controvérsias entre os que realmente têm, ou pretendem ter, um profundo interesse pela salvação das almas de um lado, e, por outro, pela segurança da comunidade. (LOCKE,1978, p.5).

No filme observa-se uma grande disputa entre uma família nobre do século XVI, cujo o que mais desejavam naquele ambiente competitivo. Era o poder acima de tudo, poder esse que se remetia ao poder político, religioso e social.

Esse período foi marcante para o contexto estudado pois apresentava-se uma perspectiva, que saía da Idade Média para a Idade Moderna, nesse tempo, como o tempo presente, a intolerância religiosa fazia parte daquela sociedade, onde católicos e protestantes viviam em tensão constante, mas algo mudaria todo o desfecho, sendo que para conter todo conflito naquele período, apenas o casamento era visto como solução. Era comum utilizar o casamento como um mecanismo de paz, dessa forma a união era unir o útil ao agradável, isto é, o enlace matrimonial de duas pessoas nobres, naturalmente ligadas ao poder envolve vários aspectos que eram decisivos na vida de toda aquela sociedade

No respectivo filme que o professor irá trabalhar em sala de aula, além dos temas citados, pode-se fazer uma breve abordagem sobre o contexto da mulher na sociedade medieval.

Na cena dos minutos (22min, 1h00min, 1h06min, 1h15min), percebe-se uma crescente participação da mulher do período Medieval para a Idade Moderna. Ao longo da narrativa do filme, há uma forte crescente na participação da mulher, estando intrínseca nas questões sociais e políticas e principalmente na autonomia religiosa.

Durante o filme o diretor irá abordar figuras como Margot,





Caterina de Médice, sua mãe e a mãe de Henrique, figuras essas que marcaram profundamente uma autonomia política no século XVI, com atuação lembrada até os dias atuais com desfecho muito importante no campo Histórico.

Fazendo um pequeno paralelo, o professor pode durante o debate problematizar como se via a figura da mulher no período Medieval para o período atual, ou seja, estabelecendo uma relação de passado e presente, cujo o mesmo mostra como a mulher vem se destacando ao longo da História.

Como o casamento de Margot que era uma religiosa católica, que também era sobrinha do Papa e o protestante Henri de Navarre tinha a intenção de sanar as disputas religiosas, mas que resultou em um violento derramamento de sangue, porém o que o texto mostra é uma proposta feita pela mãe de Margot, onde o casamento seria de aparências, visando apaziguar a tensão. Os recém-casados não tinham obrigações íntimas, ou seja, não precisavam dormirem no mesmo ambiente.

No filme a presença feminina se faz marcante na medida em que as mulheres se posicionam perante aos homens que geralmente tomavam as rédeas da situação e em geral. Dessa forma é abordado no longa, a mulher que determina, mostrando a soberania outro lado ele retrata a mulher submissa que está à mercê dos interesses do reinado e que através de sua família se vê obrigada a se submeter a tal situação que vai de encontro com interesses de poder, mas que ao mesmo tempo anula seus objetivos pessoais, sua subjetividade, enquanto mulher.

Também no filme é exposto a mulher que sofre dos desejos sexuais excessivos, onde em várias cenas Margot é assediado pelos irmãos, não tendo autonomia alguma sobre sua sexualidade. As reflexões que o professor pode estar trabalhando em sala de aula e que condicionam ao um debate junto com os estudantes acerca da narra-





tiva de questões como: a ideia de liberdade da consciência coletiva e também sobre os limites de poder do governante.

Alguns personagens que podem condicionar a uma melhor análise da narrativa do filme

O pai de Margot o Rei da França Henrique II

Montgomery (1530-1574) capitão de sua Guarda Escocesa, Conde de Lorge, acidentalmente a lança do escocês penetrou na viseira de sua armadura, perfurou seu olho, e o rei morreu após uma agonia de 10 dias de enorme sofrimento, aos 41 anos, e foi sepultado em St. Denis. Foi sucedido por seu primogênito Francisco II. (NETSABER, [20--?] online).



Francisco II



Rei da França da dinastia de Valois (1559-1560) nascido em Fontainebleau, que como rei adolescente governou sob a regência da mãe, Catarina de Médicis (1519-1589). Segundo filho varão de Henrique II, rei da França, e da florentina Catarina de Medicis, duquesa de Urbino, tornou-se (1547) Delfim do Viennois, como eram chamados os herdeiros, pois seu pai era rei. Casou-se em Paris (1558) com Maria Stuart (1535-1587), Rainha da Escócia (1542-1567) e Duquesa de Touraine (1558), filha de Jaime V rei da Escócia e de sua segunda esposa Maria de Lorena-Guisee. Com esse casamento, tornou rei consorte da Escócia e se intitulava rei titular da Inglaterra e da Irlanda, fortalecendo a aliança França-Escócia, países católicos, contra a Inglaterra protestante. Seu pai morreu de um acidente, em Paris, e ele com apenas 15 anos, tornou-se rei da França, sob a regência de sua mãe Nunca tivera boa saúde e morreu em Orleans, vítima de uma otite, sem deixar descen-





dência, estando sepultado em St. Denis, e o trono foi para seu irmão Carlos IX de Valois. Maria Stuart, de família católica radical, nascida em Linlithgow (1542), teve que abdicar e se refugiar na Inglaterra (1567), mas implicada em conspirações contra a Rainha foi aprisionada e morreu executada (1587) no castelo de Fotheringay, Northants, Inglaterra. Era um período de extrema instabilidade religiosa entre católicos e protestantes, onde muitas atrocidades foram cometidas em nome de Deus, por ambos os lados. .(NETSABER, [20--?]online).

Carlos IX

Conde de Angoulême, duque de Orleans e Rei da França (1560-1574) da Casa de Valois-Angoulême nascido no Palácio Real de Saint Germain-en-Laye, conhecido por sua personalidade de contrastes, pois ao mesmo tempo em que tinha bom julgamento e fineza, gostava de música e poesia, era muitas vezes colérico e dissimulado. Filho de Henrique II, soberano da França (1547-1559) e de Catarina de Medicis (1519-1589), herdou o trono quando da morte de seu irmão Francisco II (1560) e como era de menor sua mãe exerceu o poder como regente pelos próximos dez anos, um período de grande instabilidade religiosa. A regente assinou o Edito de Saint Germain, em janeiro (1562) que dava direito aos protestantes reunirem-se no exterior das cidades fortificadas, pelo qual o governo pretendia apaziguar as tensões religiosas entre os nobres protestantes e católicos, principalmente devido a rivalidade entre as poderosas famílias Guise e Condé, católica e protestante respectivamente. Porém o Parlamento de Paris recusou-se a ratificar o edito e o documento, inversamente do esperado, atizou o ódio entre católicos e protestantes e culminou com o famoso e violento massacre contra os huguenotes, como eram chamados os protestantes franceses. O rei assumiu o governo (1570) mas Catarina continuava controlando completamente seu filho, que ao mesmo tempo sofria grande influência do líder huguenote, almirante





Gaspar de Coligny. Uma tentativa de assassinar Coligny fracassou e então a rainha planejou um assassinato em massa das lideranças huguenotes, que estavam em Paris (1572) para o casamento de Henrique de Navarra com a filha de Catarina, Marguerite. O massacre foi planejado sigilosamente pelos líderes católicos franceses contra os protestantes huguenotes e calvinistas de Paris, contando com o apoio da rainha francesa Catarina de Médicis, que temia um golpe de Estado. Começou na madrugada do dia de São Bartolomeu daquele ano, dois dias depois do atentado contra a vida de Coligny. Dessa vez o almirante não escapou e o massacre se repetiu por toda a França e o número de huguenotes mortos foi estimado em torno de 20.000 em dois dias de perseguições. Casou-se (1570) com Isabel, arquiduquesa da Áustria, com quem teve (1572) a filha Maria Isabel, princesa de França. Com a amante Maria Touchet, senhora de Belleville, teve (1573) o filho Carlos, conde de Auvergne e duque de Angoulême. Morreu sem descendência masculina legítima, no castelo de Vincennes, hoje subúrbio de Paris, de causas desconhecidas, sendo sucedido pelo irmão, Henrique III. (NETSABER, [20--?] online).



Recursos Didáticos

Filme: A Rainha Margot

Direção: Patrice Chéreau

Produtores: Carsten Mayer, Claude Berri, Paulo Trancoso, Pierre Grunstein. Ano: 1994, 150 min. Disponível em DVD e no site: www.youtube.com

Objetivo: Trabalhar com os estudantes utilizando o filme A Rainha Margot, relacionando aspectos críticos referente ao período de grandes embates religiosas no século XVI e em paralelo apresentar mecanismos que tenha concomitância com os temas atuais da nossa





sociedade.

Metodologia: Primeiramente em sala de aula o professor fará uma breve contextualização e fundamentação com auxílio de alguns slides sobre o período das reformas religiosas, destacando brevemente como a igreja católica estava inicialmente ligada intrinsecamente nos aspectos sociais, econômicos, culturais e religiosos no meio social. Na sequência a seguir o será contextualizado com o auxílio do texto aos estudantes como se foi estabelecendo o rompimento no processo de mentalidade cristã das pessoas para um processo mais racional, prontamente apresentando a figura de martim Lutero como percurso do movimento de separação e crítica aos dogmas patriarcais da igreja, em paralelo será fomentado as disputas entre os grupos católicos e protestante. Assim dialogado brevemente uma contextualização da problemática será passado em sala de aula o filme: A Rainha Margot. Filme esse que condicionariam para o professor e principalmente os estudantes uma contextualização melhor de um todo debate de ideologias religiosas que se perpetuava na Europa, assim apresentando temas que além do fator das disputas religiosas posteriormente pode-se ser abordados e ser discutidos temáticas como as disputas pelo poder político, a centralização dos poderes nas mãos do rei (absolutismo), além de importante fator como o papel da mulher na trajetória da narrativa do filme.



No final o professor poderá abrir um debate sobre o filme: a Rainha Margot, com relação ao conteúdo estudado, juntamente relacionando a narrativa do filme, assim o mesmo conduzirá os estudantes a uma análise crítica da temática, problematizando assuntos que são recorrentes no curta e que se assemelha com nossa atualidade, ou seja questões como intolerância religiosa, assim articulando fatores podemos relacionar esse tema no nosso meio atual ou seja questões a serem destacada: ainda existe preconceito referente as outras religiões , outra abordagem seria no papel social e político da mulher, que meios os estudantes podem perceber no decorrer da narrativa do



filme essa abordagem e quais os paralelos os mesmo podem notar na do período medieval para o do período atual, e também quais as diferenças entre o tipo de governo do período de medieval para o atua.

Avaliação: A proposta consistirá que cada estudante faça um texto dissertativo e argumentativo, apresentando em uma análise crítica dos principais pontos que os mesmos perceberam durante a análise do filme e também sobre os debates em concomitância na sala de aula. A pontuação referente a confecção dos textos pelos estudantes ficará a cargo respectivamente do professor.

Anexos



Figura 1 Ilustração da Reconquista, do texto **Literatura Portuguesa I**, volume 1, de Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira e Jane Rodrigues dos Santos, 2013, p. 18.



Referências Bibliográficas

Filme: A Rainha Margot, **Direção:** Patrice Chéreau, **Produtores:** Carsten Mayer, Claude Berri, Paulo Trancoso, Pierre Grunstein. Ano: 1994, 150 min. Disponível em DVD e no site: www.youtube.com

BARROS, José d'Assunção. **Cinema e História: entre expressões e representações.** In: NOVÓIA, Jorge; BARROS, José d'Assunção. Cinema-História. Teoria e representações sociais no cinema. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

COSTA, Mariana A.; PALMA, Cintia M. S. A Rainha Margot. **Cinema e Educação**, 2016. Disponível em: <https://cinemahistoriaeducacao.wordpress.com/cinema-e-historia/idade-moderna/a-rainha-margot/> Acesso em: 12 Ago. 2019.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância.** Coleção “Os Pensadores” – Abril Cultural –1632-1704

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe.** Tradução: Luiz A. De Araújo. São Paulo: COMPANHIA DAS LETRAS, 2010. 168 p.

NETSABER, Biografias. **Charles-Maximilien de France, o Carlos IX.** Disponível em: <<http://biografias.netsaber.com.br/biografia-3480/biografia-de-charles-maximilien-de-france--o-carlos-ix>>. Acesso em: 15 Ago. 2019.

NETSABER, Biografias. **Francisco II.** Disponível em: <<http://biografias.netsaber.com.br/biografia-3469/biografia-de-francisco-ii>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019, 13:50.

NETSABER, Biografias. **Henrique II.** Disponível em: <<http://www.netsaber.com.br/biografias/biografia-3468/biografia-de-henrique-ii>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019, 13:30.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire; SANTOS, Jane Rodrigues. **Literatura Portuguesa I.** 1 ed. Rio de Janeiro: Copyright © 2013 p.18.





Disponível em: <<https://canalcederj.cecierj.edu.br/012016/5e5d-d0befd94c82cd43dd4b77c7d6e.pdf>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019, 13:00.

OS FANTASMAS de São Bartolomeu no filme A Rainha Margot In: Super Interessante, Out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/os-fantasmas-de-sao-bartolomeu-no-filme-a-rainha-margot/> Acesso em: 12 Ago. 2019.

Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias/Vol. 03- Nº 2/Jul-Dez 2016

SKINNER, Quentin. **AS FUNDAÇÕES DO PENSAMENTO POLÍTICO MODERNO**. Tradução: Renato Janine Ribeiro (capítulos I a I I), Laura Teixeira Moita (capítulo 12 em diante). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 703 p.

WAITE, Agnes. **Cinema- História: O entretenimento como forma de poder**. ANPUH- RIO, 2014.

WITTE, Gisele. **Análise do filme A Rainha Margot**, de Patrice Chéreau. Portal Jurídico Investidura, Florianópolis/SC, 29 Ago. 2011. Disponível em: <http://investidura.com.br/biblioteca-juridica/resenhas/direito-internacional/196032-analise-do-filme-a-rainha-margot-de-patrice-chereau>. Acesso em: 12 Ago. 2019.





A Revolução Francesa em formato RPG: uma proposta de gamificação da História

Acassio de Souza Costa²⁴

Higor Andrade Fontoura²⁵

Tiago Sousa Loiola²⁶

Wellington Ferbônio da Silva²⁷

Introdução



A disciplina de História propicia na formação do educando sua inserção na sociedade e formação de sua consciência histórica. Atualmente de forma geral é notável o desinteresse de uma parte significativa dos educandos por esta área do conhecimento, um dos principais motivos se encontra justamente na época que estamos vivendo, o momento da era digital. Onde temos uma abundância de informação de fácil acesso, onde a procura pela informação eletrô-



24 Graduação em História pela Universidade Federal de Rondonópolis.

25 Graduando em História pela Universidade Federal de Rondonópolis.

26 Graduação em História pela Universidade Federal de Rondonópolis.

27 Graduação em História pela Universidade Federal de Rondonópolis.





ca tornou se mais atrativa e mais procurada do que a forma tradicional de que é oferecido na sala de aula, conseqüentemente levando a um desencantamento do educando em relação à escola.

Esse cenário nos instiga a começar a pensarmos enquanto educadores outras possibilidades de se produzir conhecimento no nosso fazer pedagógico. Mas devemos tomar cuidado para que o jogo não seja encarado somente como divertimento, ou uma pausa para o descanso durante a aula como se neste momento não se pudesse produzir conhecimentos, legitimando assim alguns discursos do passado onde os jogos eram tidos somente como a atividades recreativas. A utilização do jogo exige extremo planejamento e cuidado na sua execução, ou seja, o educador deve ter seus objetivos bem-traçados. Se o objetivo é trabalhar com um tema do currículo, não basta distribuir os jogos e colocar todos para brincar. É preciso pensar na ferramenta como um recurso possível dentro de um planejamento maior e fazer sua escolha com base no desafio que pode gerar.



Assim o jogo em si não é um fim, mas atuará como um eixo interligando várias temáticas, afinal o jogo requer por parte dos educandos esforço, disciplina, responsabilidade, afinal cada ação sua ali no jogo poderá refletir em você e nas outras pessoas no futuro, em outras palavras o jogo também é um exercício de cidadania. Também é um ótimo estimulante quanto as habilidades cognitivas, onde será exigido percepção e investigação e memória, afinal as ações cada ação no jogo influencia todas as suas ações futuras.



Não podemos esquecer também quanto a parte psicológica dos educandos, algo que o jogo sucinta esse sentimento em nós seres humanos, sentimentos o de competitividade que faz você querer se superar a cada ação, propiciando um aperfeiçoamento a cada agir , mas também algo que deve ser trabalhando com o educando afinal, assim como a história não é estática e está, ela está em constante movimento o jogo didático não é diferente, ou seja, o estudante está sujeito a mais constantes reviravoltas do jogo , levando ele a vitória





ou não.

Assim o jogo torna-se uma estratégia que pode facilitar uma aproximação entre o educando e o educador, que às vezes durante uma aula tradicional o educando não sei se sinta à vontade. Ao mesmo tempo que possibilita aos estudantes que durante os possíveis conflitos que são colocando diante deles eles poderão desenvolver sua argumentação frente a essas adversidades, algo que reflete para além de ganhar ou perder, mas que gera um crescimento pessoal repercutindo na autoestima do estudante assim como na sua própria autoconfiança.

O RPG

Este trabalho tem como objetivo, servir como um instrumento paradidático para utilização do RPG na sala de aula, para isso vamos elaborar um sistema de RPG prático e replicável em sala. Os materiais utilizados são dos mais simples, basicamente poderá ser utilizado, lápis, papel, borracha e um conjunto de dados de seis lados, é claro além de criatividade do grupo para dar mais profundidade na temática do jogo. Na elaboração deste sistema vamos utilizar como plano de fundo um período histórico para assim facilitar introduções de todos os aspectos utilizados no jogo. Mas para isso devemos falar um pouco sobre o RPG e posteriormente sobre a utilização dele em sala de aula e à medida que vamos apresentamos o RPG será apresentado a mecânica do jogo para aplicação em sala.

O RPG, ou Role Playing Game, é um jogo de interpretação cooperativo onde os jogadores têm total controle e liberdade sobre seus personagens e história, podendo criar e alterar os rumos e destinos de seus personagens à medida que a história é contada, isso é claro dentro de algumas regras para sustentar os limites do que é possível e impossível dentro do jogo. Este estilo de jogar está além dos famosos jogos de caixa os *Boardgames*, por oferecer uma autonomia dos





jogadores em elaborarem suas próprias regras e dinâmicas. As regras do RPG vêm no formato do “sistema de jogo”, para isso temos uma infinidade de sistemas que pode ser utilizado e adaptado para sua necessidade em sala, sendo o mais famoso de todos eles o Dungeons & Dragons, um dos primeiros deste gênero. O mais importante na escolha deste sistema é um que melhor lhe agrada e principalmente deixe dinâmica a interação do seu grupo de jogo. Voltemos um pouco, e vamos destrinchar o RPG para entendermos seu funcionamento.

Nele temos duas funções, jogadores e mestre. O mestre será o responsável por criar o mundo/história onde os jogadores poderão interagir e cabe a ele previamente ter estudado o tema do jogo e o sistema, poderá criar um roteiro que servirá para guiá-lo durante a jogo que agora vamos chamar de “campanha”. O mestre sustentará o nível de desafio para os jogadores, ele será o nosso contador da história, narrará os eventos e as ações dos jogadores, e de todos os outros personagens que eles poderão encontrar para obter informações para o desenrolar da trama.

Os jogadores são responsáveis por seus personagens, é através deles que será possível interagir no mundo/história criado pelo mestre, para esta interação temos a ficha de personagem que vai determinar as habilidades deste personagem e garantir vantagens e ou desvantagens, em suas ações. A campanha pode durar algumas horas ou até mesmos vários dias, ou seja, não tem um tempo determinado de quando acaba, mas para nossa proposta vamos pensar em uma campanha com início meio e fim, claramente podendo se arrastar para mais campanha se os jogadores e mestre se sentirem à vontade.

Nestas duas funções, tanto os jogadores quanto o mestre, é imprescindível o conhecimento sobre o tema escolhido para a campanha, isso fará com que a história contada tem uma dose de realidade e um contexto. Elementos importante deste conhecimento são aqueles que possam contribuir de alguma para o desenrolar da





narrativa. Um exemplo disso é, imaginemos que estamos tratando de uma campanha, que se passe na África e envolva os orixás, é então importante saber sobre estas duas temáticas sobre a África e o panteão religioso dos orixás para melhor explorar em jogo este tema, perguntas como em que período se passa esta história e onde pode contribuir para direcionar a pesquisa neste sentido. O RPG ele se caracteriza pela elaboração espontânea da história à medida que jogadores e mestres constroem de forma a sua história, mas esta deve ser acompanhada de um estudo prévio é importante salientar também, que este trabalho em sala de aula, como propomos neste texto apresentar apresentando o RPG na sala de aula, deva ser precedido de uma aula sobre o tema em questão, para que o professor e ou estudante possa ter mais proveito.

A aplicação do RPG na sala de aula, está em coordenar pequenos grupos de estudantes, de preferência até quatro jogadores e um mestre no total de cinco estudantes. Nesta organização, o mestre da partida sendo estudante ou professor pode coordenar melhor as ações dos jogadores e a própria narrativa, do que em um grupo grande demais. Sabemos que cada sala de aula possui uma realidade distinta e os grupos podem preferir se organizar de maneira diferente, o interessante que pelo menos manter as figuras dos jogadores e mestre bem marcada.

Cada jogador tem três tipos de ação, movimentação, de fala e ação de combate, esta última tem este nome por exigir que o jogador role um dado, que servirá como indicativo se o jogador teve uma sorte favorável ou contra ele, neste no nosso caso será um dado de seis lados, outros sistemas de RPG pode exigir um número de faces superior ao dado de seis faces, por motivos de praticidade, todas as nossas rolagens serão determinadas pelo dado de seis faces ou comumente chamado "D6". Quando o jogador toma uma ação de combate, ele assumiu um risco para seu personagem, por isso deve rolar o dado.





Imaginemos a seguinte situação, em uma campanha para melhor exemplificar: Depois da introdução do Mestre da campanha, o jogador sabe que está com seu personagem em plena primeira guerra mundial, em uma trincheira, assim como os demais jogadores e ou personagens complementares. Quando tão logo inicia um bombardeio (a cena deve descrita com o máximo de elementos possíveis para criar uma imagem coletiva do que está acontecendo) vários aliados são arremessados para o ar, o som dos disparos e explosões é ensurdecedor, (elementos sensitivos e visuais podem ser incluídos) um zumbido no ouvido após uma destas explosões faz o personagem cambalear. Neste exemplo podemos tirar algumas observações. O jogador pode perguntar ao mestre da partida se tem algum abrigo, ou algo que possa tirá-lo do ponto alvo da artilharia. O mestre diz que existe um abrigo de artilharia, a dez ou vinte metros de distância que é justamente para o caso a artilharia inimiga atacar. O jogador decide correr para lá, existe um risco para esta ação, de ser atingido no caminho, ele com sua ação de fala pode alertar seus companheiros jogadores e também colegas de trincheiras para irem ao abrigo, caso queira, ele vai rolar um dado se o número der um resultado somado com o valor da habilidade descrito na ficha de seu personagem, ele pode percorrer este espaço sem sofrer danos algum ou tirar um número desfavorável, o que pode ser narrado das mais diferentes formas pelo mestre de jogo.

Nos anexos deste capítulo, colocaremos uma tabela que pode auxiliar jogadores e mestre para conduzir suas campanhas e também auxiliar em quando deve se rolar o dado. Temos como guiar as ações a “classe de dificuldade”, ela determina a dificuldade de realizar uma ação, caso o número for abaixo do indicado, ele teve um fracasso, em uma ação o número for superior um sucesso, o que determina este número é justamente a dificuldade da ação.

Na dinâmica do RPG, muitas das ações de personagens esta ligadas a fala, onde os jogadores podem personificar seu personagem,





para isso valeu de tudo, mudar a entonação da voz, descrever seu personagem para os outros jogadores, para que tenham uma imagem dos personagens de seus colegas, tudo isso faz parte do andamento do jogo e coloca cada um dos personagens como único. Pedir para os jogadores descrever seus personagens no início da partida pode tornar o jogo bem interessante e muitas vezes engraçado, o mais importante é deixar os jogadores confortáveis com seus papéis.

Durante a narrativa do mestre. O jogador pode interagir fazendo perguntas e ou o mestre pode fazer pausas para os jogadores falarem suas ações. A história é colaborativa os jogadores podem adicionar elementos nas cenas descritas pelo mestre (se assim o mestre aceitar) e construir elemento que posteriormente pode fazer toda diferença. O RPG não tem um vencedor, ele é um jogo de um grupo superando um obstáculo colocado pelo mestre e pode ser utilizado as mais diferentes estratégias para chegar ao mesmo fim.



Na narrativa da campanha, basicamente temos três momentos: Apresentação do local onde os personagens estão, onde segue uma descrição do ambiente e disposição dos jogadores, é incluindo apresentação da trama e personagens dos jogadores. O conflito, este guia os jogadores a buscar uma solução para o problema, basicamente este momento move a trama para o arco final é interessante na elaboração deste conflito estabelecer pequenas metas, para serem cumpridas, isso auxilia tanto familiarização dos estudantes com o jogo quanto garante uma progressão nas suas ações.



A conclusão onde os personagens se veem solucionando ou não, o conflito criado pelo mestre, este momento é tão importante quanto o início, pois os jogadores terão a sensação que as suas ações e sua sorte propiciarão a chegada daquele momento, e de todo modo foi exatamente isso. Neste trabalho apresentaremos, um roteiro que desenvolve uma trama que de certo modo abrange os três passos para a criação de uma campanha de RPG, claramente à medida que os jogadores e mestre vão se familiarizando com suas interpretações





e narrativa outros elementos podem ser adicionados.

Falemos um pouco sobre o personagem, na ficha de personagem, que vai estar incluída nos anexos deste trabalho, pode ser notado um quadro chamado “habilidades” e ao lado “valor de habilidade”. Este quadro é dedicado a distribuição dos pontos dos personagens, para que assim, o jogador possa interagir no mundo criado pelo mestre. Para preencher esta ficha basta, rolar seis vezes o dado, anote os valores e divida cada um deles por dois. Exemplo; eu tenho os números com as seis rolagens de dados 2,4,6,3,2 e 6, logo depois dividindo por dois cada um dos resultados temos 1, 2, 3, 2, 1 e 3, números quebrados arredondamos o valor para cima, ao dividir 3/2 temos, 1,5 jogamos este valor para 2, ou qualquer outro resultado deste tipo.

Os valores obtidos serão distribuídos no valores de habilidade, um valor para cada, esta habilidade são descritas no anexo mais são; força, destreza, constituição, inteligência, sabedoria e carisma, são através dela que o personagem age neste mundo, tomemos como exemplo a seguinte situação: o mercado árabe está oferecendo em um pequena feira, alguns utensílios que lhe chama a atenção, e que vai auxiliar o seu personagem para concluir um objetivo, ou atemos mesmo, apenas foi até ali para colher informações do comerciante. Na descrição da habilidade, verá que a melhor habilidade para isso é o carisma, será rolado a pedido do mestre, um dado mais o valor de habilidade carisma, este tipo de rolagem é chamada de teste e recebe o nome da habilidade que indica o próprio teste. O mestre compara o resultado com a dificuldade, para fazer a ação ou realiza uma rolagem para determinar o carisma do vendedor, deste como comparar e narra o que aconteceu.

O personagem também tem uma vida. Algumas campanhas podem ter um grau de ação que pode tentar contra a vida do jogador, deste modo ele tem uma vida, imagine que ele está em uma luta de espadas; é atingido por algum objeto; ou alguém tenta lutar





contra seu personagem. Tudo isso pode acontecer, e caso aconteça, o jogador caso atingido ele deve deduzir os pontos de vida, para saber a vida do personagem basta calcular, dez mais o modificador de habilidade constituição, deste modo se ele chegar a zero ele morre ou cai inconsciente.

Para saber a dificuldade de acertar seu personagem, temos nível de desafio de classe de armadura, para calcular ele basta pegar três mais destreza mais alguma valor que possa justificar uma proteção para o personagem. Exemplo, o personagem tem seis de classe de armadura, três naturais mais três de destreza, mas por usar um colete prova de balas, ou uma armadura ou até mesmo uma rouba mais reforçada pode ter o incremento de um valor que o mestre pode escolher de 1 até 4, cabe ao mestre decidir qual valor se aplica a cada uma. Caso este valor seja superado o personagem sofre um dano e um número é deduzido de vida que é proporcional ao tipo de dano empregado, um corte superficial e menor do que a quebra de um braço ou perfuração, indicamos que o dado seja descrito pelo mestre e o dado pode ser rolado para determinar este valor.

A imagens que estamos disponibilizando nesses anexos são para que o mestre e jogadores possa se ambientar neste cenário que vamos trabalhar e onde sua história poderá ser criada, tenhas estas informações como dias e um breve entendimento de como funciona o jogo, do que algo que deva ser seguido ao pé da letra. Se possível, crie e adapte como achar melhor. Será incluído uma tabela de teste, onde o mestre saberá onde vai poder utilizar melhor as rolagens de habilidades e nível de dificuldade.

Nível de dificuldade, quanto menor o número mais fácil para realizar a ação, quanto maior o número mais difícil vai ser para realizar a ação. Quando o valor dá igual o maior chamamos de sucesso, menor fracasso. O mestre analisa o nível de dificuldade e analisa a tabela e determina o valor, pede para o jogador fazer o teste.





Fácil ----- Normal ----- Difícil ----- Muito difícil ----- Impossível
3 6 9 12 15

Para que seja possível os jogadores atingirem a possibilidade de realizarem uma ação muito difícil ou impossível, temos uma regra de rolagem crítica. Ela funciona da seguinte maneira, em rolagem de um dado que tira o número máximo que ele tem é chamado de crítico, ou seja, se eu rolar um dado de seis faces o número seis é meu crítico. Neste caso o jogador pode rolar novamente o dado e ir somando os valores isso não mais ocorrer.

Entendendo as habilidades, roles o dado seis vezes anote os valores e logo depois divida por dois, os resultados fracionados devem ser arredondados para cima, 2,5 se transforma no 3. Logo após saber seus resultados distribua na ficha dos personagens, o mestre pode ler esta habilidade para os jogadores e auxiliar:

Força (For): Mede a capacidade física do personagem, tudo que venha a utilizar o esforço físico do personagem deve ser colocado esses testes de força, exemplos: pegar um objeto pesado, arrombar uma porta e lutar corpo-a-corpo.

Destreza (Des): Mede a capacidade de movimentação do personagem, quão habilidoso ele é para manusear um objeto arremessar e ou qualquer coisa que entre neste quesito.

Constituição (Cont): Mede a capacidade física do personagem em um nível de resistência biológica, imagine que um número baixa representa uma pessoa franzina ou um número alto representa uma boa capacidade física, está ligado a vida do personagem, tenha como exemplo caso ele tenha levado uma pancada na cabeça e faz um teste para ver se ele desmaia ou não.





Inteligência (Int): Mede a capacidade intelectual do personagem, está no raciocínio lógico do personagem, se lê compreende um mecanismo, ou tenta investigar uma pista.

Sabedoria (Sab): Mede toda a carga de conhecimento que seu personagem adquiriu durante seu tempo de vida, ele detém conhecimento sobre este mundo/história, ou pode usar suas habilidades intuitivas que vai além da sua inteligência, está na experiência.

Carisma (Car): Mede o magnetismo pessoal de seu personagem, quanto maior este número é alto mais falastrão ou mais convidativo vai ser esses personagens para os outros deste mundo/história, está rolagem está ligado desde obter informações, quanto mostrar que é inabalável sua opinião.

Uma vez tendo compreendido um pouco mais como funciona o RPG e sua aplicação na sala de aula, vamos agora elaborar um plano para criação de nossa história, para isso seguiremos para um breve resumo do momento história que será plano de fundo para a nossa campanha, que se passará em plena Revolução Francesa, e os personagens poderão ser protagonistas destes eventos.

Resumo da Revolução Francesa

A revolução francesa é considerada um marco entre a idade moderna e o contemporâneo, ocorrendo entre os anos de 1789-1799, resultando na ascensão da classe burguesa a política que aproveitará de uma série de abusos cometidos pela monarquia absolutista e induzindo o povo francês, que já apresenta sintomas de insurreições, sobrecarregado por abusos e econômicos e sociais para o início de uma revolta tão numerosa que até então não havia relatos de já haver ocorrido. Houve basicamente três esferas na qual a sociedade monárquica francesa vinha passando por crise sendo elas: o aspecto social, econômico e político. Cabe destacar que nas duas décadas ante-





riores ao movimento a França já vinha passando por uma séria crise em vários setores como safas ruins que alimentos para a população comum que muitas vezes não conseguiam comprá-los drasticamente, onde muitos começaram a praticar atividades ilícitas como o roubo além das perdas de colônias e a própria além enfraquecimento financeiro e militar por tentar combater sua rival e grande potência da época Inglaterra.

Segundo (HOBSBAW 1996) os aristocratas ainda se negavam a pagar pela crise causada por eles se os privilégios destes não fossem aumentados que por sua vez geral uma fissura sendo chamada de “assembleia de notáveis” a qual os rebeldes ainda enfraquecidos não puderam aproveitar-se porem a segunda e decisiva brecha foi erguida na decisão de convocar os estados gerai a “velha assembleia feudal do reino” onde segundo o autor a tentativa da aristocracia para tomar o estado foi mal calculada pois subestimou as intenções do terceiro estado (nome dados a todos aqueles que possuíam nobreza nem eram participantes do clero.

Social: a sociedade francesa desse período ainda apresenta uma forte similaridade com o feudalismo, com sua estrutura social baseando-se em 3 grandes classificações: o clero (a esfera religiosa), a nobreza e a plebe (no qual se encontrava grande parte da população e a burguesia)

Econômico: a França deste período vem passando por uma grave seca na qual e gerado um caos na agricultura, dificuldades nos meios de produção e comércio além da concorrência desleal de produtos estrangeiros.

Político: influenciado por ideais iluministas, a burguesia francesa toma consciência da necessidade de acabar com os privilégios dedicados a nobreza e ao clero; além de reestruturar o estado preferencialmente com sua participação.





Etapas da revolta

Revolta aristocrática: pressionada pela crise econômica que se agrava a nobreza incita o rei Luís XVI a convocar os estados gerais (parlamento francês no qual se é convocado a reunião dos três estados sendo eles clero nobreza e plebe (já citados acima) com objetivo já predeterminado de impor mais tapamentos de impostos ao terceiro estado (clero e a nobreza se negando a abrir mão de seus privilégios) Segundo (HOBSBAW ERIC 1996) próximo ao início dos levantes contra o absolutismo a aristocracia francesa possuía cerca de 400 mil dos 23 milhões de franceses era formada pela nobreza; que ainda gozavam de certos privilégios incluindo a isenção de alguns impostos além do direito de receber ainda tributos feudais.

Assembleia constituinte: convocado os estados gerais o terceiro acabou se rebelando inconformados pelos critérios da votação, como já previsto nobreza e clero obtinha maior parte dos votos, a revolta tomou as ruas incitados pelos burgueses houve a tomada de bastilha (prisão e forte militar, além de um símbolo de poder da sociedade absolutista francesa). Em 14 de julho de 1769 e logo no mês seguinte a declaração dos *direitos do homem e do cidadão* (sendo basicamente um documento no qual é definido o direito individuais e coletivos dos homens) além da marcha “épica marcha sobre Versalhes” que obriga a corte a voltar para Paris sendo os anos seguintes marcados por lutas constantes.

Segundo (HOBSBAWM 1996) o rei Luís XVI que inicialmente aceita (embora de muita má vontade) as exigências proposta na assembleia, em 1789 decide tomar medidas para reprimir ainda mais o levante posicionando tropas em Paris ficando esse evento conhecido como “ O grande medo” gerando assim um grande movimento de concentração de populacional que culminou com a tomada de bastilha em 14 de julho de 1789 mais isso não foi aleatoriamente desde o século XV a famosa prisão vinha sendo um marco de de-





monstração de poder contra qualquer inimigo político do estado .

Todavia a população ainda não satisfeita com a queda de bas-tilha começa a saquear propriedades do clero e da nobreza, estes temendo por sua vida aboliram suas antigas regalias, à toda essa cadeia de eventos a burguesia apesar de ter participado de todo movimento de insurreição não queria de forma alguma dividir o poder adquirido com a população que por sua vez não aceitando o que a burguesia fez promove uma radicalização denominada de convenção e terror por muitos estudiosos.

O rei Luís foi decapitado em 1793 como resultado de uma tentativa de fuga. Segundo Donald Greer, em seu livro: *incidência do terror durante a revolução francesa: uma interpretação estatística*. Entre o período de 1793 e 1794 houveram entre 16 e 40 mil mortes.

Após o término das assembleias constituintes a burguesia apresenta uma série de sinais de conservadorismo que mais tarde irá se confirma em uma forma semelhante a atual por agora perceber que seus objetivos já estavam completos, e esta não pretendia aprofundar mais na revolução temendo um possível movimentos das massas contra ela. A burguesia então associado com a nobreza liberal mais o baixo clero (praticamente os mesmos que antes foram combatidos por elas) formado **o clube dos girondinos**, já os jacobinos (que recebiam este nome porque a maioria de suas reuniões ocorriam no convento de *saint Jacques*) pretendia prosseguir na revolução aumentando os direitos da população eram apoiados pela baixa burguesia e pelos sans-culottes, haviam ainda grupos que não apresentavam opiniões definidas este eram chamados de Pântanos.

Sendo a partir desta definição foram criados os termos **esquerda** e **direita**, a direita (onde se sentavam os girondinos) destacava-se por estancar os movimentos de revolução ,a esquerda denominada de jacobinos como já citado pelos processo de criação de leis que favorecessem os processos de aprofundamento da revolução(du-





rante este período são descoberto documentos gerais no qual e apresentado um plano de “traição real” que acarretará o aceleração e decisão de pena de morte de Luís XVI os jacobinos aproveitando-se da situação conseguem assim o fim da supremacia girondina na revolução.

Roteiro de jogo

Este roteiro tem como objetivo, servir apenas como um norte, para o início da campanha, o mestre da partida tem total liberdade para mudar o local e ambiente, assim como não o utiliza-lo, podendo elaborar roteiros com as dicas descritas em tópicos anteriores, se aproveitando de um tema que melhor possa trabalhar. Nossa proposta aqui é apenas conduzir uma narrativa que possa seguir as três etapas de uma campanha descritas em capítulos anteriores. O nome de nossa campanha será, *A tomada da Bastilha*. Como guia utilizaremos as três etapas da campanha, a apresentaremos parte da trama, deixando o meio dela para elaboração do grupo.



Apresentação do Local, Conflito e conclusão:

Os jogadores estarão em uma grande sala, sentados em volta de uma grande mesa retangular, onde discutiram como será realizado um plano que há algum tempo, vem martelando a cabeça daquele pequeno mais influente grupo. Como motivar uma ação revolta de um povo até então inertes. Esta reunião se passa em 12 de julho de 1789 na França, dois dias antes dos eventos reais, o que acaba por dar tempo para os jogadores se alinharem e bolar planos. Neste momento o mestre pode narrar a preocupação de todos em elaborar um plano, onde o líder desta reunião venha a perguntar a cada um dos jogadores suas ideias, imaginemos neste momento não haver somente os jogadores, mais outros personagens para compor uma cena de uma reunião, o mestre pode elaborar outros elementos na cena como





preferir.

Nesta reunião, uma figura se destaca, seu nome é Camille Desmoulins, um jornalista, que diz a todos nesta reunião que o melhor plano é formular uma notícia alarmante por toda a cidade, que as tropas do rei atacariam toda a cidade que ele eles deveriam se rebelar contra esta matança, deste modo incitando o povo para um confronto. Todos dão por satisfeitos com este plano, mais um dele levanta a questão de equipamentos militares, dizendo que só os números não adiantarão, será necessário armas. O mestre pode ir narrando estes acontecimentos e sempre questionando os jogadores para a solução deles, peça para que os jogadores façam um teste de sabedoria, role o dado e de um número superior a (6) na tabela de dificuldades o jogador que tiver o maior número sabe que em um hospital guarda um pequeno arsenal que pode servir já como apoio. Caso os jogadores não consigam um resultado bom, outro na reunião pode falar esta informação.



Esta reunião levará noite adentro, e será levantado que não somente povo e arma fará a reunião, mas é necessário um marco de tomada, e também é levantado a necessidade de pólvora. Novamente peça para que os jogadores façam um teste de sabedoria, aquele que tirar o maior número para o teste de dificuldade **Difícil (6)**. Aquele que tiver o maior número saberá que a Bastilha que vem sendo utilizado como prisão, tem um estoque de pólvora e a alguns dias vem sendo pouco guarnecida, e também saberá que os canhões que protegem a Bastilha estão em péssimo estado, sendo deste modo um excelente marco e fácil de se capturar. Deixe os jogadores livre para bolar seus planos neste momento, anote as ideias, utilize as imagens em anexo para mostrar o local para os jogadores e auxiliar na narração.



O conflito desta trama está em conseguir que os rumores feitos pelo Camille Desmoulins, captura de equipamentos e tomadas da bastilha seja um sucesso. Para isso o mestre pode dividir o grupo





entre aqueles que irão pela cidade falando com o povo e tentando chamá-los para a revolução e o grupo que irá atrás das armas no local mencionado. A bastilhas tem 32 guardas e deverá ser tomada pelo grupo.

Estes eventos seguem para tentar contra a vida dos jogadores mais é claro, sabemos que historicamente ela foi tomada em 14 de julho de 1789, a conclusão da história se dá nos planos arquitetados pelo mestre e jogadores continuarem neste momento.

Referencial Bibliográfico

CARISSIMI, Laura Bossle Carissimi; RADÜNZ, Roberto. Arquivo 7.0: jogos e o ensino de História. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul/RS, v. 16, n. 31, p. 47-69, 1. Sem 2017. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>. Acesso em: 8 ago. 2019.

COGGIOLA, Osvaldo. Novamente, a Revolução Francesa. Projeto história. **Revista do programa de estudos pós-graduados de história: teoria, política e história: motins e revoluções**, São Paulo - SP, n. 47, p. 281-322, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/17137>. Acesso em: 6 ago. 2019.

COOK, Monte. **Dungeons & Dragons**. Livro do Jogado: Livro de Regras Básicas, V.3.5 / Monte Cook, Jonathan Twet, Skip Williams :[Tradutores Marcelo de Souza Stefani e Bruno Cobbi Silva; Revisões Douglas Ricardo Guimarães] – São Paulo : Devir 2004.

HOBSBAWM, Eric. **Revolução Francesa**. São Paulo: paz e terra ,1996.

PEREIRA, Ana Luísa Lopes. **A Utilização do Jogo como recurso de motivação e aprendizagem**. Orientador: Luís Alberto Alves. 2013. 132 p. Dissertação (Mestrado, Licenciatura em Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria, Multimídia) - Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, Porto, Portugal., 2013. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71590/2/28409>.





pdf. Acesso em: 2 ago. 2019.

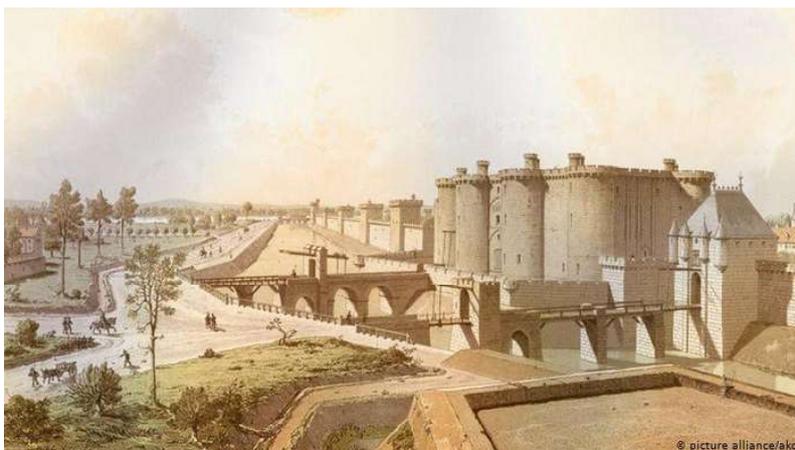
PEREIRA, Auricélia Lopes; ALBUQUERQUE Gomes, Tissiane Emanuella Albuquerque. Artedó: O Jogo Como Recurso Didático No Ensino De História. III Encontro de Formação de Professores da Educação Básica: **Encontro de Iniciação à Docência da UEPB**, Campina Grande, Paraíba, v. 1, 2015. Disponível em: https://editora-realize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA6_ID311_29062015142748.pdf. Acesso em: 13 ago. 2019.

PISSURNO, Fernanda Paixão. Revolução Francesa. **Infoescola** Navegando e Aprendendo, 201?. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/revolucao-francesa/>>. Acesso em: 08 de Agosto de 2019.

Anexos

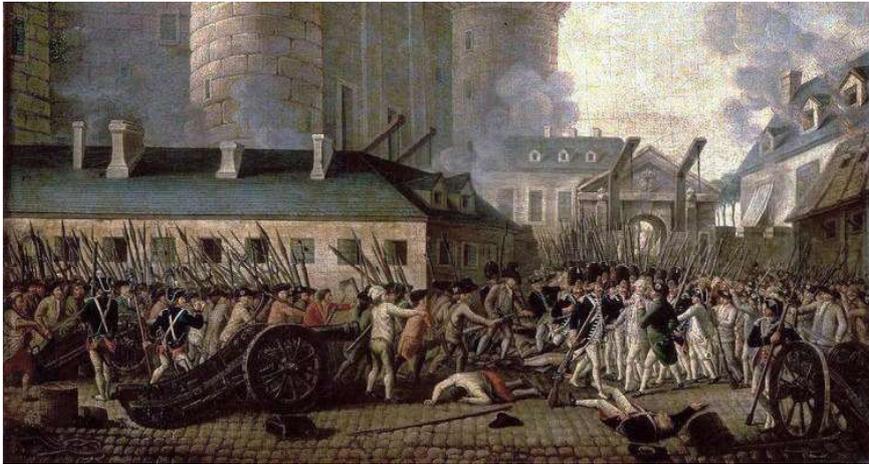


Estas imagens servem para ambientar o local para os jogadores, outras imagens como vestimentas e ou qualquer outra que ajude na narrativa para os jogadores pode ser utilizada.



https://www.dw.com/image/15807020_303.jpg





https://images.educamaisbrasil.com.br/content/banco_de_imagens/guia-de-estudo/D/historia-revolucao-francesa-bastilha.jpg



<http://www.todoestudo.com.br/wp-content/uploads/2016/08/revolucao->





-francesa-1024x515.jpg

Utilize esta tabela para balancear o nível de dificuldade das ações na sua campanha, utilize ela como parâmetro entre o fácil e o impossível. Lembre-se da regra das colagens críticas, onde o jogador poderá jogar mais de uma vez os dados para alcançar o nível de dificuldade. O mestre pode ocultar o nível de desafio para os jogadores ou fala-lo na campanha fica a critério do mestre.

TABELA DE DIFICULDADE

FÁCIL	3
NORMAL	6
DIFÍCIL	9
MUITO DIFÍCIL	12
IMPOSSÍVEL	15



A ficha do personagem de ser preenchida da seguinte maneira: Pesa para seu grupo de campanha, a notarem estas informações na ficha de personagem em uma folha, nome do jogador, nome do personagem, habilidades etc. Assim que terminarem estas anotações, seguiram para as rolagens de dados, descrita no tópico *RPG na sala de aula*. Basicamente, role seis dados e divida cada um dos valores por dois e distribua os valores na frente da habilidade. Os pontos de vida é dez mais pontos de constituição (CONT). Classe de armadura é três mais pontos de destreza mais alguma outra armadura e ou proteção que utilizar.





Ficha de personagem

NOME:

NOME DO PERSONAGEM:

HABILIDADES/PONTOS

FOR-

PONTOS DE VIDA -

DES-

CLASSE DE ARMADURA -

CONT-

INT-

SAB-

CAR-

ITENS PESSOAIS -





Sumário

Apresentação

Hieronymus Bosch: Uma Análise sobre ‘A Extração da Pedra da Loucura’

Introdução

Ficha técnica

Análise

Contexto Histórico

Sugestão de Atividade

Considerações Finais

Referências Bibliográficas



As obras de Rafael Sanzio pelo olhar de Harmonia Rosales e Kehinde Wiley: pensando o epistemicídio e a prática pedagógica antirracista no ensino de História

Palavras iniciais

Momento 1

Momento 2

Outras obras de Rafael Sanzio

Momento 3

Sobre a artista Kehinde Wiley

Sobre a obra “Três Graças”

Sobre a artista Harmonia Rosales

Sobre a obra “A Virgem”

Atividade

Referências Bibliográficas





A era vitoriana pelas lentes do filme *A noiva cadáver*

Introdução

Ficha técnica do filme/influências externas

Ambientação da obra/contexto histórico

Casamento como aliança política: quem se beneficia do que?

Considerações

Referências Bibliográficas

***Romeu e Julieta*: uma proposta pedagógica**

Resumo da Proposta

Resumo do Filme

Referências Bibliográficas

A arte de governar: *Elizabeth I* pelo olhar de Maquiavel

Apresentação da Proposta

A globalização e o ensino de História

Ponderações Teóricas

Reflexões sobre as cenas

Considerações Finais

Plano de Aula

Referências Bibliográficas

Possibilidades de usos pedagógicos do filme *Rainha Margot*

Introdução

O uso do cinema como material didático pedagógico em sala de aula

Disputas religiosas, lutas pelos poderes políticos e o meio de resistência

Questões sociais, políticas e o papel da mulher no contexto geral

Alguns personagens que podem condicionar a uma melhor análise da narrativa do filme

Recursos Didáticos





Anexos

Referências Bibliográficas

**A Revolução Francesa em formato RPG: uma proposta
de gamificação da História**

Introdução

O RPG

Resumo da Revolução Francesa

Etapas da revolta

Roteiro de jogo

Referencial Bibliográfico

Anexos

